

DEBATE

GÊNERO E RAÇA EM REVISTA:

DEBATE COM OS EDITORES DA REVISTA *RAÇA BRASIL**

Este debate foi organizado, coordenado e apresentado pela professora Suely Kofes. Fizeram parte da mesa Aroldo Macedo, Editor chefe da revista *Raça*, Roberto Melo, Diretor Editorial da Editora símbolo, Valter Silvério, professor do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de São Carlos, Mariza Corrêa e Octavio Ianni, professores da Unicamp.

O público participante incluiu professores, alunos de Graduação e Pós-graduação e funcionários do IFCH, bem como alguns alunos de outras universidades.

O debate iniciou-se com uma breve introdução ao tema e com a apresentação dos participantes da mesa, ambos realizados pela coordenadora. Esta parte foi retirada da edição que se segue, daí porque, o debate começa direto com a fala de um dos expositores. Mas o restante, os cortes de conteúdo das falas foram mínimos.

Roberto Melo: bom dia. Eu queria primeiro agradecer o convite que foi feito pela Unicamp, pelo Departamento de Antropologia. Para nós, de uma redação de uma revista, é uma honra enorme ser chamado a contribuir de alguma forma para o debate acadêmico. Eu queria, já de cara, colocar que a respeito da enorme desproporção intelectual desta mesa, entre dois jornalistas e pensadores deste calibre, acho que apesar disto nós temos alguns fatos saborosos,

* Esta é a transcrição editada de um debate ocorrido no IFCH, Unicamp, no dia 05 de novembro de 1996, promovido pelo Departamento de Antropologia e seu Programa de Mestrado, pelo Doutorado em Ciências Sociais e pelo Núcleo de Estudos de Gênero – Pagu; com a organização da Secretaria de Eventos do IFCH.

Gênero e Raça em Revista

interessantes, importantes, que podem revelar uma mudança muito maior que o simples sucesso de uma revista, e que foram identificados no lançamento da Revista Raça Brasil. De fato, são importantes, e eu espero que possam ser, no final, objeto de investigação por parte de todos vocês. Nós precisamos de vocês porque jornalistas não têm tempo de pensar, só tem tempo de fazer. E eu costumo dizer que jornalismo se escreve com a mão e não com o cérebro, e, como nós não temos tempo de pensar, espero que a universidade faça isto por nós.

Bom, deixa eu contar brevemente a história da *Raça Brasil*, do lançamento e do sucesso da revista.

A decisão de fazer *Raça Brasil* contrariou, e eu já vou roubar antecipadamente uma frase do Aroldo Macedo, e derrubou três dogmas que existiam no mundo das comunicações: o primeiro dogma era que negro não têm poder aquisitivo para comprar produtos supérfluos, e revistas podem ser considerada produtos supérfluos porque revista não se come, não leva vocês ao trabalho. O segundo dogma era que negros em capa de revista não vendem revista. O terceiro dogma era que os negros têm vergonha de ser negros. Os negros no Brasil, ao contrário dos americanos, onde houve uma luta muito clara no combate pela igualdade, para a mudança pela lei, os negros brasileiros têm vergonha de ser negros. Então a Revista nasceu fadada ao fracasso, segundo o mundo das comunicações. A dona da editora é uma oriental, amiga antiga do Aroldo. Aroldo voltou de Nova York, resolveram fazer a revista e me acionaram imediatamente com a seguinte questão: avalie este mercado e veja se existe espaço, se tem público suficiente para comprar uma revista de serviços e comportamento, uma revista como as outras, só que segmentada para o público negro, assim como tem segmentada para mulheres, segmentada para jovens. Assim como nos Estados Unidos, que têm vinte e seis revistas para o público negro e lá se sabe que existe poder aquisitivo entre os negros.

Eu tive a imensa sorte de poder contar com números. Nós vivemos num país cego, rigorosamente cego para os números. Quando eu tento saber qualquer número, por exemplo quanto ganham, qual é a renda das mulheres brasileiras com mais de quarenta anos, o IBGE não sabe responder. Nenhuma pergunta que eu faço ao IBGE, eu consigo resposta. O IBGE é um cemitério de números, é um culto à cegueira, é um véu sobre o país. Eu posso falar isso como cidadão, como usuário, como um tipo de trabalhador que precisa de números para poder lançar revistas, esta é minha função na editora: criar projetos de revistas e colocar no mercado. Bom, eu tive a sorte de investir em pesquisa de campo para saber quantos negros teriam poder aquisitivo para comprar revista. Eu investi a verba gigantesca de vinte dólares! Foi o preço de um livro chamado *Racismo Cordial*, da Editora Ática, que concentra os resultados de uma pesquisa que o Datafolha fez em 1995 e que está à disposição de todos nós. Os números que eu precisava, para sorte da Editora Símbolo, estavam lá e custavam vinte dólares. O que está escondido neste livro, escondido da própria redação da Folha, que fez este trabalho com o objetivo de responder à seguinte pergunta: existe racismo no Brasil e, se existe, que tipo de racismo é este? Eles identificaram que existe racismo no Brasil, só que este racismo pode ser classificado como cordial porque ele é dissimulado, ele é escamoteado. A principal prova deste escamoteamento é que 90%, 89% dos brasileiros consideram que o brasileiro é racista e apenas dez por cento admitem serem eles próprios racistas. Então, assim, setenta por cento, oitenta por cento de racistas desaparecem, só aparecem na opinião dos outros.

O Datafolha fez uma ampla pesquisa, o que o IBGE nunca fez sobre a condição racial, usando três fatores de classificação: uma, a auto-atribuição espontânea de cor. Perguntava ao entrevistado qual a sua cor. Ele falava livremente. Pareceram cento e trinta e cinco classificações, as cores mais curiosas; uma outra, baseada na

observação do entrevistador; e a terceira baseada na auto-atribuição. Esse livro derruba facilmente toda a trapalhada que o IBGE fez a respeito de classificação racial e classificação de cor no Brasil. O IBGE inventou o termo pardo, que foi espetacularmente rechaçado por todos os entrevistados, e outras coisas. O Datafolha, com uma pesquisa que eu achei mais confiável, chegou à seguinte conclusão: primeiro, cinquenta e nove por cento da população se auto-atribui a cor negra ou qualquer uma das suas variações. Ou seja, o Datafolha concluiu que cinquenta e nove por cento da população pode ser considerada descendente de africanos, negros, mulatos e todas suas variações – esta constatação contraia o número do IBGE, que me parece considerar só quarenta e cinco por cento. Para o IBGE o país é branco e para a Datafolha o país é negro, de maioria negra.

Lá dentro, perdido no meio destes números, eu achei a renda. Descobri que dez por cento dos negros e mulatos tem renda familiar superior a vinte salários mínimos por mês. Dez por cento! Isto daí é um dado fantástico para alguns. Está confirmado que os negros são pobres já que noventa por cento ganha menos de vinte salários mínimos por mês? Mais não, porque entre os brancos esse número é de dezessete por cento. O que acontece fazendo todas as regras de três, que é uma coisa que pouquíssimos jornalistas sabem fazer, e eu me orgulho disso. Fazendo as regras devidas eu pegue cento e sessenta milhões de brasileiros, cinquenta e nove por cento dá noventa milhões, desses noventa milhões eu queria os adultos. Descobri no IBGE, que sessenta por cento da população tem mais de dezesseis anos; dos noventa por cento, sessenta por cento são cinquenta e quatro milhões de adultos. Destes cinquenta e quatro milhões de adultos, dez por cento têm renda superior a vinte salários mínimos. Isto dá a fantástica cifra de cinco milhões e quatrocentos mil. Por que fantástica? Porque fazendo estas mesmas regras de três para os brancos, estou falando sempre em auto-atribuição de cor, nós

encontramos o número de 7,1 milhões. Ora bolas, em uma partida de futebol sete a cinco, não significa uma vitória esmagadora. É quase empate. A conclusão disso tudo: como todos nós sabemos, no Brasil existe um oceano de miséria. Esse oceano de miséria é bicolor, e existe uma ilhota de consumo, e esta ilhota de consumo também está virando bicolor. Por que ninguém sabia disso? É que houve um movimento, um silencioso movimento social de ascensão.

Eu sei, e já fui alertado que o termo ascensão social é visto com muita antipatia pela Sociologia e pela Antropologia, ou pelo menos pela Sociologia. Mas não importa, eu tinha um problema trágico para resolver e precisava resolvê-lo. Houve um fato objetivo que foi um movimento silencioso de ascensão social dos negros nesse país. E foi silencioso por quê? Foi silencioso por que um a das vertentes, uma das facetas do racismo do povo brasileiro, desse racismo cordial, foi excluir os negros do nosso campo de visão. Então toda a mídia brasileira, durante todo este tempo, desde que a tal da mídia brasileira existe, sempre nos ensinou que os negros são pobres, e que o Brasil está dividido entre brancos ricos, negros pobres, e por isto os negros nunca apareceram em comerciais, nunca apareceram nas novelas, com raríssima exceção da novela *A próxima vítima*, que tinha uma família negra. Nunca apareceram em situações em que eles tinham poder de consumo. Eu conto uma anedota, uma anedota real. Quando me foi dada esta missão eu pensei comigo mesmo: mas será que os negros têm poder de consumo. Bom, eu vou muito a shopping, infelizmente porque eu tenho filhos adolescentes. Então eu tentei lembrar se havia negros no shopping. Falei não, não existem negros nem mulatos no shopping fazendo compras, esta revista não vai dar certo. No domingo seguinte, no sábado e domingo seguintes, eu fui ao shopping. Aí pude constatar com meus olhos: eles estavam lá, apareceram do nada, fazendo compras nas lojas, nos restaurantes, entrando nos cinemas. Onde estavam estes negros que eu não via? Eu não via porque minha

Gênero e Raça em Revista

memória era racista, ou seja, minha memória era condicionada pelo que eu aprendi, então não conseguia me lembrar. Depois disto eu pequei o livro, e bom, com este número, cinco milhões e quatrocentos mil com renda familiar acima de vinte salários mínimos, isto significa um potencial de consumo. Aliás, muito mais do que o necessário para fazer uma revista.

Um dos dogmas já tinha sido derrubado de cara, que negro não tinha poder aquisitivo. Tinha outro dogma, que só a revista ia decidir se o negro na capa vendia ou não vendia. Isto nas grandes editoras era lei absoluta, sequer tentavam, porque era desnecessário tentar uma coisa desta, nas raras vezes que tentavam não obtinham bom resultado. O outro, tudo bem, estes negros têm poder de consumo, mas será que eles têm consciência? Será que eles têm vergonha ou têm orgulho de serem negros? Eu achava que o mundo dos negros era dividido mecanicamente entre negros com orgulho e negros com vergonha. Percebi que eu estava redondamente enganado. Depois do lançamento da revista, percebi que era totalmente diferente. Provavelmente tinha um pequeno grupo com orgulho de ser negro. Ou por ter sido bem sucedido, ou por consciência política, ou por qualquer outro motivo. E tinha um pequeno grupo com vergonha de ser negro. E no meio existe uma imensa maioria de negros que ora tem vergonha, ora tem orgulho, conforme a situação do dia-a-dia. Se estão num baile *funk*, se estão em casa com a família, ou estão num ambiente onde se sentem valorizados, têm orgulho. Se estão no escritório recebendo piadas racistas, ou sendo relegados a segundo plano na disputa de vagas, ou qualquer coisa, tentando pôr o filho na escola teriam vergonha, constrangimento e ficariam oscilando. E a revista, isto eu posso afirmar sem nenhuma modéstia, a revista foi o estopim, uma injeção de auto-estima que fez com que muitos destes negros e mulatos que estava em cima deste muro de identidade, pulassem para o lado negro. Porque nós fizemos uma revista onde está escrito

em cima, com letras claríssimas: a revista dos negros brasileiros. Não usamos morenos, mulatos, nada, não usamos nenhum subterfúgio. A revista, inclusive, toma os mulatos como sendo negros, porque aparecem muitos mulatos e muitos mestiços de negros com brancos na revista.

E as cartas que a gente recebeu – foram duas mil cartas – na primeira edição mostraram isso. A pesquisa – que nós ainda estamos tabulando – mostra isso. Na pesquisa a gente pergunta você é branco, negro, moreno, oriental, não sei o que, muitos negros colocavam assim: negro. Com uma observação: moreno não existe, mulato não existe. Para nossa surpresa, muitos leitores e leitoras assinalaram-se brancos. Foram, acho, mais ou menos oito por cento de leitores brancos que colocaram assim: branco, mas eu gostaria de ter nascido negro. Então, pela primeira vez, nós constatamos branco com vergonha de ser branco, o que foi uma coisa inédita. Bom, o fato é que a revista vendeu espetacularmente. Nós fizemos duzentos mil exemplares, que é uma tiragem altíssima. A revista vendeu espetacularmente, muito rápido, em poucos dias. Alguns números fantásticos: Belo Horizonte vendeu oitenta por cento da tiragem em três dias; Porto Alegre vendeu setenta e cinco por cento da tiragem em três dias; São Paulo vendeu sessenta e cinco por cento da tiragem em três dias; depois Rio de Janeiro, que teve chuvas e foi um pouco mais lento, e depois Salvador; Campinas, cinqüenta por cento da tiragem em três dias. A revista desapareceu das bancas sem que houvesse anúncio na televisão, então por que houve uma resposta tão imediata, tão violenta? Os jornaleiros falavam que em trinta anos nunca viram isso acontecer. Por quê? O fato de ser uma revista inédita para um público que já estava com uma demanda reprimidíssima, reprimidíssima, e que estava pedindo e nos avisando, silenciosamente nos avisando: façam uma revista para nós, façam *shampoos* para nós, nós temos problemas no nosso dia-a-dia, nós acordamos com estes

Gênero e Raça em Revista

problemas e queremos resolvê-los, dêem informações para nós, nos mostrem bem sucedidos, nos mostrem bonitos, nos mostrem bem vestidos, façam conosco o que todas as revistas do mundo fazem com seus leitores, ou seja, façam uma revista para nós.

Eles estavam pedindo isso, esta foi a resposta a um produto supérfluo. A relação que houve com a revista foi uma relação emocional, ideológica, afetiva. Leitoras ligavam chorando, com histórias comoventes. Uma leitora que ligou, escreveu dizendo “tenho trinta anos e a vida inteira, minha infância inteira, eu ia para o travesseiro, dormindo, sonhando que eu era uma branca, e tinha tomado muito sol e querendo no dia seguinte acordar branca. Passei minha vida inteira, na minha adolescência engoli esse problema e estava com este problema travado na garganta até hoje, até o dia que comprei a revista. Eu comprei a revista e posso dizer, hoje, eu tenho orgulho de ser negra”. Nós usamos esta frase, “eu tenho orgulho de ser negra”, na capa da número dois, um pouco em homenagem a esta leitora, só que a colocando na boca de uma pessoa que é uma personalidade a Camila Pitanga, que é uma mulata de pele relativamente clara. Ela costuma dizer assim: “bom, com a pele clara assim, é fácil ser negra. Então, tá bom, mostra meu pai para não haver dúvida de que eu sou negra, está aqui meu pai, Antônio Pitanga, alguém tem dúvida de que ele é negro? Eu mostro meu pai aqui e ainda falo em baixo que tenho orgulho de ser negra”. A revista número dois vendeu tanto quanto a número um e a três também está vendendo. Por quê? Porque isto mexeu num ponto, que não sei se ele é estudado ou não, que se chama, auto-estima, mas que para as revistas é fundamental, é objeto de trabalho nosso. Eu tenho um modestíssimo esboço de hipóteses sobre o sucesso da revista. É que eu acho o seguinte: os negros, primeiro eles ascenderam socialmente e silenciosamente, sendo que ninguém percebeu que havia este público consumidor. Toda empresa do planeta quer ter um público alvo

de cinco milhões e quatrocentas mil pessoas. Todo mundo quer, e não é um público alvo qualquer, é público alvo falando assim: por favor, façam produtos para nós, nós somos um público ávido por consumir produtos, porque nós precisamos deles. As mulheres negras, elas compram produtos americanos, elas mandam fazer, funcionam boca a boca, isto na época da internet, para saber informações de produtos óbvios de higiene e limpeza. Nós estamos falando de coisas que são claramente diferentes, que são características de ph, de pele e de cabelo, só para falar deste assunto. Isto sem falar na parte muito mais complexa que é da cultura, que é da identidade cultural, sem falar nisso. A minha tosca hipótese seria a seguinte: que graça a esta invisibilidade que os negros no Brasil foram condenados pela mídia, graças a esta invisibilidade foi possível que eles chegassem aos *shopping centers* sem que os brancos percebessem, porque se tivessem percebido, talvez tivessem tomado medidas mais drásticas, por exemplo, proibindo de entrarem no shopping. Isto eu espero que seja entendido como uma metáfora, proibido de entrar no shopping é estar proibido de entrar em um horizonte de consumo. Então eu paro por aqui, porque acho que até já extravasei meu tempo e passo a palavra para o Aroldo, que tem muito mais experiência do que eu. Aliás, eu sugiro até, Aroldo, que você comece a falar desse problema da visibilidade e da invisibilidade, através de sua experiência pessoal.

Aroldo Macedo: Meu nome é Aroldo Macedo, sou editor da revista, a minha função é transformar tudo isto que o Beto falou em cento e dezesseis páginas. Claro que esta revista, diferentemente das outras, não foi criada nem surgiu de uma pesquisa . Ou seja, normalmente, quando se vai lançar um produto, você descobre o nicho, através de pesquisas, e daí você lança o produto e já sabe, de antemão, se é adequado ou não, ou se vai atingir, quem vai atingir ou deixa de atingir. Mas esta revista, ela tem um tom mágico que eu digo

sempre que, bom vou contar uma breve história para vocês. Eu morei seis anos em Nova York e daí vim para o Brasil. Eu trabalhava, eu era videomaker, fazia vídeos, e como fotógrafo também, e vim para o Brasil tentar um patrocínio para um filme de capoeira. Bate aqui, bate ali, tentando dinheiro para fazer este filme me lembrei da Editora Símbolo. Eu conhecia a Joana Fu, e fui até a Editora Símbolo. No meio da conversa, vamos fazer. Quer dizer, foi uma coisa que surgiu, e surgiu muito mais porque a Joana Fu é uma empresária extremamente moderna e tem uma visão extremamente ágil. E não teve naquele momento, assim, vamos ganhar dinheiro, ou vamos vender tanto, não. Vamos fazer uma revista para os negros, porque não existe e é necessária. E no dia seguinte a gente já estava conversando sobre o projeto, o nome surgiu na hora, o nome *Raça* surgiu na hora.

A gente fez uma pequena pesquisa, só nos dias posteriores, mas o nome prevaleceu foi *Raça*, e no dia seguinte o projeto já estava sendo tocado. A gente conversou com o Roberto, ele foi para os números e apresentou, deu este retorno dos números a partir desse vulto, desse gasto grande de vinte dólares. Custou tudo isso para se chegar à conclusão óbvia que existe uma classe média negra. É uma classe média que eu já vejo há muitos anos e ela está aí. Quer dizer, em nenhum momento eu tive dúvida alguma de que esta revista seria um sucesso. E eu abri mão de todas as coisas que eu fazia lá nos Estados Unidos e, de malas e bagagens, voltei para o Brasil. Entrei em três meses para um projeto que a Editora ouvia de todos que seria um fracasso. Seria um tiro n'água, seria um absurdo, e a gente tocou e está sendo um sucesso.

A *Raça Brasil* é feita por sete pessoas. Tem a editora de texto, tem o editor de arte com dois assistentes, um repórter e um revisor, a secretária e mais um batalhão de fotógrafos e jornalistas. Durante as reuniões de pauta decidimos o que vai entrar na revista e mandamos para frente.

Para que a revista tivesse este sucesso era muito importante que essa equipe e a Editora estivessem muito afinadas com a filosofia e o conceito que norteou desde o início essa revista. O negro não quer, no Brasil, uma coisa inferior, ele não quer um produto inferior, ele não quer um produtor inferior. Embora algumas pessoas falassem assim: “Mas esta revista não parece que é para negro”, a gente ouvia este tipo de absurdo. Então, a revista tem papel importado, ela tem cor o tempo inteiro, é colorida, etc.

É um projeto muito bem pensado, e ela não é uma revista panfletária, não é uma revista militante. Eu, particularmente, acredito em todos os movimentos de resistência que o Brasil já teve até hoje, e graças a eles houve um avanço muito significativo na posição do negro no Brasil. Mas, ao mesmo tempo, embora eu não tenha participado ativamente de nenhum movimento, meu trabalho foi muito mais individual, eu era modelo, a minha filosofia era vender a imagem de um negro diferente da que era vendida até então. Durante a execução da revista eu detectei que, além do movimento negro, existem negros em movimento. São negros, como Roberto acabou de explicar, que estão ocupando silenciosamente os espaços. A revista teria que ter um tom sem lamentos. Acredito que a gente já ultrapassou esta fase e a gente agora tem que executar, tem que fazer. O que, basicamente, é preciso para o negro no Brasil, seria a auto-estima ser levada ao ponto em que ele tivesse o entendimento.

Então, partindo desse princípio, a gente fez uma revista que também não é um segmento dentro do segmento. Ela é um grande ônibus, é um trem, ela atende a família inteira, porque normalmente as revistas ou são para adolescentes, ou são para mulheres, para secretárias, ou para isto ou para aquilo. Esta revista não, ela está sendo lida por meninas de quinze anos, por mulheres de sessenta ou homens de setenta. Homens que ligaram e falaram para mim lá na redação, “agora eu já posso morrer, porque eu senti que no final da

minha vida eu tenho uma coisa da qual eu posso me orgulhar, do que eu vi na mídia até hoje”.

Isso encheu a gente de muito orgulho, mas não encheu de responsabilidade, porque esta responsabilidade ela sempre esteve comigo. Muita gente pode dizer: a sua responsabilidade agora aumentou. Não, não aumentou nem um décimo, porque ela vem comigo há muitos anos. Eu não vou revelar quanto porque esta é a única vaidade que eu me permito, que é não revelar a minha idade. Mas ela vem desde o dia em que nasci, desde a criação que meus pais me deram desde que pude perceber o mundo, e que o mundo me deu esta oportunidade de aprender com ele.

Dentro disso eu vou citar uma coisa que marcou muito a minha adolescência, e que era o seguinte: “Eu sou negro eles nunca vão deixar que eu esqueça isso, eu sou negro e eu nunca vou deixar que eles se esqueçam disso”. Isto vem norteando minha vida desde os meus doze, onze anos, quando eu li isso.

Então eu peço que se alguma coisa ficar de bom desse nosso debate aqui é que não seja um debate que todo mundo já saiba as respostas e fica um debate somente interno. Falar só de preconceito é falar do óbvio, então que fique esta semente e que fiquem os questionamentos de vocês que a gente possa esclarecer. É isto que eu tinha que falar.

Valter Roberto Silvério: Um bom dia a todos. Eu gostaria de agradecer a oportunidade oferecida pela Unicamp, em especial ao Departamento de Antropologia e ao Programa de Pós-Graduação. Eu vou entrar direto no assunto para a gente ganhar mais tempo. Eu tomei conhecimento da *Revista Raça* por intermédio de um amigo, coincidentemente negro, em uma visita à sua casa, três ou quatro dias depois da publicação da número um. E foi bastante interessante, porque nesta visita nós acabamos discutindo sociologicamente o que

seria o surgimento desta revista. E a nossa primeira reação foi uma reação de sociólogo. A revista não atendia, em um certo sentido, os nossos anseios até por que nós tínhamos uma história de militância de movimento negro. Em especial, o movimento negro mais vinculado ao que nós conhecemos, durante muito tempo, como esquerda. Mas, ao mesmo tempo em que isto se colocava, a curiosidade bateu mais alto. Eu folhei a revista toda, li praticamente todas as matérias, todas as seções. Inclusive, fiz anotações em relação às diferentes seções, na número um, na número dois. Não fiz isso com a número três porque não tive a oportunidade de comprá-la, deve ter saído esta semana.

Mas, outra preocupação apareceu também de imediato quando fui convidado para esta mesa, e que é a seguinte: que vínculo esta revista têm com a história de uma imprensa negra neste país, em especial no Estado de São Paulo, que a gente conhece melhor até pelo fato de ser paulista? Eu tentei preparar alguma coisa que vai muito superficialmente neste sentido.

Eu gostaria de dizer que eu acho que os editores tiveram uma sensibilidade fora do normal para perceber algumas coisas extremamente importantes. Primeiro, o termo raça. É um termo que a comunidade negra utiliza há longo tempo, é um termo de autoconhecimento no interior da comunidade negra. Então, é muito comum nós nos referirmos, e isto sempre foi comum, à raça. É importante a gente verificar que, inclusive, um dos principais jornais da cidade de São Paulo tinha este nome, ele se chamava *Voz da Raça*. A partir daí, eu procurei verificar duas coisas: primeiro, já há algum tempo eu vinha observando, por parte da imprensa de maneira geral mas também dos meios de comunicação, a construção de uma nova imagem do negro, quer dizer um negro com capacidade de produzir, em especial cultura, e com capacidade de consumir. Quer dizer, isso vem aparecendo já na principal rede de televisão brasileira há dois ou três anos. A *Folha de S. Paulo*, se não me engano há dois anos atrás,

criou uma seção “Notícia do Mundo *Black*”. Uma matéria da revista ISTOÉ, de setembro de 1994, colocava o seguinte: “uma nova geração de negros enfrenta o racismo com beleza, estilo e talento” e no meio dessa, uma reportagem de três ou quatro páginas, onde, coincidentemente um modelo chamado Valter Rosa, colocava o seguinte: “o negro já faz parte da cultura de consumo mas a imagem do cara bem sucedido ainda não se encaixa nele”. Eu acho que a Raça Brasil veio responder a essa proposição de Valter Rosa. Mas retomando o meu objetivo, eu gostaria de dizer muito rapidamente que a revista Raça pode ser colocada dentro de uma seqüência de publicação daquilo que eu chamo de imprensa negra. Então eu me utilizo dos textos de Roger Bastide sobre a imprensa negra, de uma dissertação de Mestrado de Miram Ferrari e de um texto de Clovis Moura que se encontra na *Sociologia do Negro Brasileiro*, onde ele lida com a imprensa negra. Esses autores fazem a classificação relativamente coincidente e a gente verifica o seguinte: existe um período da imprensa negra que eles consideram que vai de 1915 a 1923 e que é marcado por um jornal chamado *Menelick* e aqui em Campinas um jornal chamado *Getulino*, mais ou menos para este mesmo período. Um segundo período, que vai de 24 a 37, é um período importante também, nós temos dois jornais, o *Clarim da Alvorada* e o *Voz da Raça*. Este período é interrompido pela criação do Estado Novo e também com o surgimento da Frente Negra Brasileira. Estes autores, o que eu concordo, colocam que nesse período, esses jornais da comunidade negra, eram jornais que reivindicavam uma integração do negro na sociedade brasileira mas, ao mesmo tempo, eram jornais que, de uma certa forma, eram circunscritos ao meio negro. Eram jornais que não tinham vínculos maiores com a sociedade mais abrangente. Neste sentido eram notícias do meio negro que se faziam circular nesse meio negro. Só a partir do período que vai de 45 a 63, é que parece existir uma mudança, e a mudança é exatamente

quando a questão da raça se transforma numa questão não só mais no meio negro, mas uma questão racial e social. E é aí que surge também um conjunto de candidaturas de negros. Os textos de publicações, boletins e de alguns jornais da época, já são textos preocupados com a sociedade mais abrangente, quer dizer, o negro integrado na sociedade brasileira mais abrangente.

Depois, nós temos um período do qual não é necessário a gente falar muito... o movimento negro só retorna, o movimento negro ressurgiu nos anos 70. O período que eu estou chamando de pós 68. Nós vamos ter uma imprensa que já não é uma imprensa necessariamente feita por negros, mas uma imprensa que fala da questão racial, em que negros participam da elaboração de textos e que é representada por jornais como o *Jornal Versus*, o *Afro Latina América*, o *Árvore das Palavras*. São jornais de circulação mais interna.

É interessante que neste período pós 68, do qual eu sou partícipe, a preocupação básica era também com o negro na sociedade brasileira, mas numa perspectiva de uma transformação social tal qual os movimentos sociais da época. Então, o que a gente verifica nessa imprensa ou feita por negros ou que discutia a questão racial, é que a questão da transformação social vinha colada com a discussão da questão racial, e que foi formulada por alguns pensadores a questão da raça e da classe conjuntamente. Então, essa imprensa, essas publicações, elas espelham, eu acho este momento em que a questão da raça se torna um elemento possível, potencial de transformação social, no bojo de um conjunto de outros movimentos sociais. É aí que eu acho que a gente teria algumas questões a discutir. Porque o que me parece que diferencia a revista *Raça* é que, no período que vai de 68 até o final dos anos 80 o conjunto de publicações feitas, ou pelo movimento negro, ou por jornais e revistas que discutem a questão racial, colocava a questão da transformação social. Me parece que a revista *Raça*, ao mesmo tempo que ela

Gênero e Raça em Revista

responde a um universo, que do meu ponto de vista, o movimento negro na sua versão mais militante não conseguiu penetrar, ao mesmo tempo que ela atende ao segmento da população negra que de fato o movimento negro histórico não conseguiu penetrar, me parece que ela, isto ficou um pouco evidente pela fala do Roberto como do Aroldo, ela vem numa perspectiva de trabalhar com o segmento da população negra que ascendeu, sofreu um processo de mobilidade social, mas que a preocupação é com o consumo, em especial, com o consumo estético desta população. E no meu entender, colocado dessa forma, me parece que existe uma despolitização da questão racial. Eu acho que é esse o elemento que mais me chamou a atenção na revista. Então a diferença que percebo, e aí vai no sentido do que tanto o Aroldo como o Roberto já colocaram, é que não é uma revista voltada para um segmento militante. Mas, creio eu, que até pelo fato de ser uma revista que, me parece, vem crescendo em circulação e deve continuar crescendo em circulação, seria importante a gente verificar porque não é possível numa revista de circulação nacional existir seções, ou algumas seções, em que a questão da raça seja politizada no outro aspecto.

Mariza corrêa: Eu queria dizer que estou um pouco emocionada com essa mesa e também muito orgulhosa. Eu acho que nós estamos diante de um fenômeno, não só um fenômeno jornalístico, porque sem dúvida é um fenômeno editorial. Essa revista é um sucesso, basta notar os números que acabaram de ser mencionados aqui. Mas, eu acho que nós estamos diante de um fenômeno sociológico. E eu fico orgulhosa de que na Unicamp, particularmente no Departamento de Antropologia, nós estejamos um pouco atentos a este fenômeno. Acho que graças à rapidez da Suely em juntar o feliz surgimento desta revista com o número que nós

estamos preparando no Núcleo de estudos de Gênero a respeito de Raça e Gênero, um número dos *Cadernos Pagu*.

Eu sou professora nesta casa há vinte anos, e eu acho que algumas das coisas que o Roberto falou são verdades para nós mesmos: nós tornamos os nossos trabalhos a respeito de raça invisíveis. A Suely tem uma tese bastante conhecida nos meios acadêmicos a respeito da questão racial, que não está publicada. Eu tenho uma tese bastante conhecida nos meios acadêmicos a respeito do maior intelectual racista no Brasil, que também não está publicada. O professor Robert Slenes, aqui presente, é um dos maiores especialistas na questão do trabalho escravo, da família escrava no Brasil, e nós não fazemos quase nada com este nosso saber. Quer dizer, muito raramente nós temos cursos a respeito da questão racial aqui no Instituto. Acho que o último curso, Bob me ajude a lembrar, foi um curso que nós dois demos a quatro mãos e aconteceu um fenômeno exatamente inverso do que normalmente acontece nas estatísticas, segundo os sociólogos que analisam essas estatísticas. Os sociólogos costumam dizer que, nas estatísticas, as pessoas vão branqueando ao longo do tempo. No nosso curso as pessoas escureceram. Era uma discussão que começou com as categorias do Censo, justamente do IBGE, e nós aplicamos os questionários no início do curso e no final. No final, muito mais gente era mais escura do que no começo, depois da discussão toda.

Então, eu só queria lembrar isso porque eu acho que o fato dessa sala estar cheia de gente mostra que há interesse pelo assunto.

Eu acho que o Roberto tocou também num ponto crucial, que é a miopia da Sociologia brasileira para a questão da ascensão social, não é só a ascensão social dos negros, ascensão social em geral. Eu acho que a nossa Ciência Social é míope para a questão da ascensão social no Brasil. Como consumo é palavrão, e eu acho que é um problema particularmente grave num país como o nosso, nós não

Gênero e Raça em Revista

temos nos dado conta de algo que está acontecendo bem debaixo do nosso nariz. Isto mostra que nós temos algum problema em termos de análise social.

Mas eu queria fazer alguns comentários a respeito, especificamente, da revista. Eu acho que está acontecendo uma coisa interessante. De certo modo, está acontecendo com os negros o que aconteceu com as mulheres também. A partir de uma série de movimentos feministas, a questão do feminismo entrou para a agenda e não vai sair mais. Se vocês pegarem vários números das últimas revistas semanais, vocês vão ver como as mulheres de sucesso são um sucesso de notícias: as mulheres empresária, as mulheres que enriqueceram, etc. Vocês vão ver que há várias matérias nos jornais, nas revistas, todos os dias, a respeito do trabalho das mulheres, as mulheres isto, as mulheres aquilo. Entrou para agenda a partir de uma série de discussões e eu acho que a gente não deve ter vergonha disso. A gente não deve ter vergonha de ter sucesso, e acho que isto está acontecendo com uma boa parte da população negra...

Otávio Ianni: uma parte pequena...

Mariza Corrêa: ...ainda uma parte pequena, professor, certamente uma parte pequena, mas uma parte importante, uma parte que eu acho relevante em termos de liderança política.

Mas, sobre a revista, eu queria dizer duas ou três coisas, e gostaria de dizer de onde eu falo. Eu, antes de ser antropóloga, fui jornalista. Trabalhei na primeira fase da revista *Veja*, depois eu fui editora do jornal *Nós Mulheres*. Então, eu sempre olho para uma revista, antes de olhar para o aspecto ideológico de uma revista, quando eu pego uma revista nova eu olho para seu aspecto gráfico e olho para seu conteúdo jornalístico. Então, eu tenho muito mais

perguntas para os nossos dois convidados da Editora do que comentários.

A primeira pergunta, o Aroldo começou a responder. Não sei se me convence inteiramente Aroldo, porque olhando a revista, parece que há uma ênfase grande na atenção ao público feminino. Então, minha primeira impressão é que é uma revista para um público feminino, porque há muita ênfase na coisa da beleza, na coisa dos produtos de beleza. Eu fiquei fascinada com a quantidade de produtos de beleza para mulheres negras que já existem no país. Quer dizer, eu tinha a mesma idéia que o Roberto mencionou, que as pessoas importavam coisas, mandavam trazer dos Estados Unidos ou compravam do Paraguai, sei lá. Mas tem muita coisa feita aqui por laboratórios nacionais, então isto é uma informação importante. Mas tem uma ênfase muito grande na coisa da mulher, tem uma seção de modas. Bastante rara, eu acho. Quer dizer, aqueles vestidos que aparecem lá são das mesmas *griffes* que aparecem na *Elle*, vários deles eu não posso comprar. Então, eu imagino que vocês estão pensando que essa classe média é uma classe alta, a quem se destina a revista. É uma revista que parece também muito destinada aos jovens. Eu estava comentando com o Aroldo agora há pouco o que eu chamo de um aspecto gráfico bastante alegre, colorido...Carlinhos Brown. Aliás, a entrevista dele, parece, abre o primeiro da revista e a camisa dele é um pouco do mesmo matiz do jeito gráfico da revista. Então, o aspecto gráfico me sugere que é uma revista destinada a jovens. O conteúdo me sugere que é uma revista com ênfase na coisa feminina. Então, essas duas coisas.

Eu queria comentar também, o que o Roberto disse, e que eu achei interessantíssimo, sobre a revista ter esgotado em Belo Horizonte, Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro e Campinas e, em último lugar, em Salvador. O que é interessante é que Salvador é um lugar onde a questão da raça é uma questão absolutamente presente.

Gênero e Raça em Revista

Eu estive lá no início do ano, vocês que estiveram também na reunião da ABA (Associação Brasileira de Antropologia), viram que lá a questão da raça é absolutamente presente. Então, é interessante que a revista tenha esgotado primeiro nos lugares onde esta questão não é tão presente.

Em termos ainda de conteúdo jornalístico, eu acho que têm coisas extremamente interessantes que aparecem nessa revista. Eu não sabia que tinha passado uma Lei no Rio de Janeiro que obriga, a partir de agora, a publicidade a incluir um percentual... 42% eu acho de negros nos anúncios feitos no Rio de Janeiro. Eu acho isso de uma importância enorme, e não sei porque a imprensa tem dado tão pouca, se é que tem dado alguma atenção a esta questão.

Meu último comentário, é um comentário para provocar um pouco a platéia, de fato são dois comentários, para provocar os debates.

Um, é que a revista tem uma mensagem. Agora estou saindo do aspecto jornalístico e do aspecto gráfico. Tem uma mensagem ambígua. Tanto o Aroldo como o Roberto falaram na questão da auto-estima. É verdade, eu até nem diria só auto-estima, eu diria algo mais forte, eu diria que tem um certo narcisismo na revista. Mas é toda a questão da auto-estima, então. Uma das mensagens que a revista transmite o tempo todo é negro é bonito, nós somos bonitos, nós somos fortes, nós somos viris. Etc. Nós somos ricos, está meio implícito. E a outra mensagem, é aí que está, eu acho, a ambigüidade, a outra mensagem é que o Brasil é mestiço, mas o mestiço é negro. Então é uma questão que eu acho muito interessante para discutirmos.

A outra coisa que me chamou muita atenção, eu gostei muito, é que tem branco nessa revista. Não sei se é uma definição editorial, depois eles podem nos contar, há várias propagandas onde os personagens são brancos. Por exemplo, nas duas contracapas das

duas revistas, na propaganda de uma malharia catarinense, são brancos.

Roberto Melo: A mesma malharia fez uma para a revista com negros. Ainda vai sair...

Mariza Corrêa: Ah! Fizeram uma com negros, perfeito! E a outra coisa é que, embora seja uma revista para negros, tem matérias muito interessantes, eu me interessei muito pelo banho de beleza, esta matéria aqui. É uma matéria que ensina como passar um dia fazendo um banho de beleza, tudo que é bom para a pele. Nada específico de negro aqui, nada, a começar pelo mel que a moça passa no rosto, o banho de ervas, etc. É muito interessante, porque lendo a revista parece que é uma coisa para negros, a ilustração, a mulher negra, a mulher que sai do banho, que fica linda depois, como todas as revistas. Mas nada é específico de negro. Então, a apropriação também pela revista de produtos que estão no mercado, em geral.

Eu queria concluir dizendo que eu espero que vocês tenham o maior sucesso, que isto vá para a frente e que esta revista continue na praça.

Eu queria dizer ao professor Valter que eu concordo com ele em que toda esta questão social é muito importante de ser analisada, mas há espaços onde ela está sendo analisada. Acho que a academia é um dos espaços que nós não estamos explorando para analisar, acho que a universidade é um espaço que nós devemos ocupar para analisá-la.

E acho que quando uma revista negra aparece, ela não deve sofrer as críticas que nós quase nunca fazemos para as brancas. Quer dizer, acho que se lermos a *Claudia*, a *Elle*, qualquer uma das outras, nós poderíamos dizer a mesma coisa a respeito delas, elas são destinadas ao consumo, elas estão destinadas à beleza, elas estão chamando o que há de narciso em nós todos, elas estão fazendo um

apelo para que nós consumamos cosméticos, bonequinhas, etc. Então, parabéns e longa vida.

Octavio Ianni: Eu acho que já há questões bastante interessantes apresentadas para vocês, mas cabe a mim fazer mais algumas observações e, eventualmente, levantar questões no sentido de desenvolver este trabalho. É difícil saber como é que se faz este trabalho, como é que se realiza, quais são os desafios cotidianos que enfrentam os que trabalham numa revista como esta, que é de fato um grande desafio. Mas eu acho que é bom que a gente troque idéias, questione e levante problemas. Isto ajuda a, eventualmente sugerir pautas para a revista, quem sabe.

Eu vejo o seguinte, vou colocar um problema preliminar, eu acho que a revista tem a ver com o problema da construção da identidade negra no Brasil. E ela assume um posicionamento já bastante aberto com relação a este problema. Quer dizer, ela tem entonação não só atual mas tem uma entonação, todo o tempo, otimista, aberta para algo que parece bastante bom. Seja no nível mais particular do que seria a produção da beleza da mulher ou do homem, como no que se refere aos problemas. Lendo uma matéria do primeiro número sobre candomblé na Bahia, dá para ver que o tom é de otimismo, de entusiasmo e de certa alegria com o fato de que “o Brasil dos Orixás orientados por milhares de pais e mães de santos baianos famosos e anônimos, exportam o candomblé para o resto do país. Em São Paulo, por exemplo, já batem mais de dois mil terreiros e podíamos acrescentar Montevideo, Buenos Aires, etc”. Então, esta entonação é um elemento muito forte na revista e que combinado com as cores, com as figuras que são, como já foi lembrado aqui, de jovens, bonitos, bem arrumados, transmitem uma imagem bastante positiva, bastante otimista. É claro que diz algo a respeito da construção ou da reconstrução da identidade do negro na sociedade brasileira. Agora eu

queria problematizar isso. É claro que nós não vamos fazer uma grande discussão, mas problematizar dizendo que no Brasil são evidentes algumas “teorias” ou, se quiserem, ideologias sobre a questão racial. Uma delas, que é muito evidente e que está no discurso do poder, e no discurso de muitos intelectuais, é a da democracia racial. A outra, que está relacionada com a democracia racial é a ideologia do branqueamento social. A idéia de que os indivíduos podem passar a linha de cor. E há outras ideologias e teorias: sobre o quilombismo, identidade, africanidade, o problema da negritude, cidadania. Há diferentes reformulações, inclusive a tese da relação entre raça e classe, de como as duas categorias estão sempre imbricadas, reciprocamente referidas. Há, inclusive, a tese do autoritarismo por assim dizer congênito, que se fabrica na sociedade, que fabrica personalidades autoritárias. Há várias teses.

Ao lado dessas teses, dessas teorias ou ideologias, há uma realidade que é o movimento negro. O movimento negro é o movimento que, a grosso modo, tomando o movimento no sentido mais lato, luta contra o preconceito, luta contra manifestações de intolerância racial, procura reduzir ou anular as barreiras que bloqueiam a circulação social do negro e a participação do negro em diferentes círculos de convivência social. Não há dúvida de que os movimentos negros são vários, são diferentes e até são contraditórios. Eu me impressionei muito com uma observação muito objetiva que tive a oportunidade de fazer quando, em Porto Alegre, na pesquisa sobre relações raciais, isto já faz mais ou menos um século, quando havia um clube de negros operários, modestos, assalariados da burocracia pública e da empresa privada, que era a Floresta Aurora. E havia um clube que era de classe média negra, que era o Marcílio Dias. Claro que isto não é tão nítido, mas dá para ver que havia uma polarização entre os próprios grupos. Depois encontramos um pequeno grupo, que era um grupo de jovens negros universitários que não se misturavam

nem com o Floresta Aurora nem com o Marcilio Dias. Isto é, participavam ocasionalmente, mas tinham um clube próprio, que era outra coisa, que era diferente.

Então o movimento negro, de fato, é muito variado, muito diversificado, alguns são mais sociais no sentido lato. Outros são mais culturais, alguns estão preocupados até com certas produções artísticas. Então, não há dúvida que o movimento é bastante diferenciado. E ele está referido a figuras, não é o caso de lembrá-las agora, mas não há dúvidas que Abdias Nascimento representa algo, o Clóvis Moura, para falar de figuras do passado recente, representa. Há cadernos negros, enfim, há várias produções ou há vários autores que, de certo modo, polarizam diferentes tendências do movimento negro. Sem esquecer a grande evolução e a grande ebulição do movimento artístico que se desenvolve pelo Brasil todo, mas com uma matriz particularmente poderosa na Bahia e que tem a ver com o diálogo transnacional do movimento negro no Brasil.

Será que a *Raça* tem alguma coisa a ver com isto? Este é que é o problema. Tem a ver, não há porque negar que tem a ver. A *Raça*, a revista...esta produção, a despeito da intenção – que é perfeitamente compreensível – de colocar que não se trata de uma inserção no movimento negro, que não se trata de se preocupar em fazer a cabeça do negro, que se trata de desenhar uma realidade plural, diversificada, com diferentes perspectivas e possibilidades, inegavelmente *Raça* se insere no movimento negro. E *Raça* vai ser um poderoso desafio para o movimento negro no Brasil. Já está sendo. Esta é uma realidade. Ao mesmo tempo gloriosa para a revista e ao mesmo tempo preocupante para o movimento negro. Em que medida a revista vai polarizar, vai galvanizar, vai de certo modo mobilizar muito do que tem sido o movimento negro? Eu não tenho clareza sobre como isto vai se desenvolver, mas eu vejo, nitidamente, pode ser que eu esteja enganado, mas é uma hipótese, que a *Raça* representa uma das

tendências dos movimento negro no Brasil. Claro! Não sejamos inocentes. Não nos enganemos, *Raça* representa, e que tendência é esta?

Eu fiz apenas uma leitura, vamos dizer, parcial de algumas matérias, observei alguns anúncios. Há uma análise muito mais cuidadosa a ser feita, mas não há dúvida de que a revista está nitidamente inserida no movimento negro só que não é de uma maneira única, unívoca, exclusiva. É uma revista que se insere no movimento negro, de certo modo resgata, desenvolve e valoriza primeiro o *black is beautiful*. E sai de baixo, porque é para valer! É tudo muito bonito, muito bonito. É bom que seja assim. Mas será que tudo é tão bonito? Será que afirmar que tudo é tão bonito, e que tudo pode ser tão bonito, não é uma mentira? Eu não digo uma mentira em abstrato, do ponto de vista de uma teoria. Eu digo uma mentira com relação à massa da coletividade negra, às manifestações de intolerância racial que atravessam cotidianamente a sociedade. Eu acho que vale a pena pensar nisso!

Não há dúvida que, ao comprometer-se com este emblema – *black is beautiful*, a revista está inserida no movimento negro. Só que ela não se insere apenas por este emblema. Ao meu ver, desculpem-me mas faz parte de nosso diálogo, vamos fazer o advogado do diabo... O outro emblema que é muito evidente na revista, pela minha leitura, é democracia racial. Se continuarmos assim, nós vamos chegar à democracia. Aliás, nesta matéria sobre candomblé tem dois tópicos que me impressionaram. Tem um tópico que é o seguinte: “políticos das mais variadas correntes ideológicas...” e é verdade... vejam bem, é muito verdade, “políticos das mais variadas correntes ideológicas e artistas de diversas tendências não escondem de ninguém que o consolo deles está no Gantois, um dos mais famosos terreiros da Bahia. O Senador Antonio Carlos Magalhães, filho de Oxalá, e artistas como Gal Costa, Obaluaiê, Maria Bethânia, Iansã, Gilberto Gil, Xangô,

Caetano Veloso, Oxalá, costumam cultuar seus orixás com solenidades e respeito...etc”. Muito bonito, é gloriosa a democracia racial que está se concretizando. Só que a mesma matéria lembra que a brutalidade da sociedade brasileira com relação ao candomblé é coisa do pretérito, isto foi passado. E é verdade, o candomblé precisava ser registrado na polícia e mesmo assim era sujeito a brutal repressão. A polícia, o Governo e a Santa Madre Igreja Católica sempre estiveram associadas em certas conjunturas e combatiam duramente certas manifestações culturais e populares. Agora, o fato de que o candomblé deixou de ser combatido brutalmente é uma conquista, mas ele foi domesticado. Se o Antonio Carlos Magalhães, o Jorge Amado e outros estão inseridos no candomblé é porque ele foi seriamente domesticado! Mais que domesticado, foi transformado num elo fundamental da indústria do turismo. Além do papel político, o que domestica o candomblé é uma operação política fundamental. O candomblé é um elo fundamental da indústria do turismo.

Então, são realidades. Eu sei que não se trata de pedir que a revista enfoque estes problemas, mas acho que nós, para refletirmos sobre o significado da revista, podemos lembrar estas dimensões da realidade.

Agora, eu me dou o direito de levantar mais uma hipótese, que é a seguinte: a revista tem um compromisso com um emblema importante, se insere no movimento negro que é *black is beautiful*, tem outro emblema, que é a democracia racial, que está difuso, mas que aparece já nitidamente; e tem um outro emblema que é muito importante, o branqueamento social. Isto é, está aberto ao negro e, individualmente, a hipótese da possibilidade dele branquear.

Esta tese não é tão evidente, mas ela é fundamental, e ela funciona muito bem nas sociedades de classes, nas sociedades hierarquizadas. Ela está funcionando nos Estados Unidos faz tempo e está funcionando aqui. Eu dou dois exemplos que são extremamente

atuais e extremamente incômodos: Pelé é branco ou negro? Eu não sei, eu acho que não é negro. Pitta é branco ou é negro. Eu acho que ficou branco. Ele sofreu uma espécie de metamorfose, está passando por uma pasteurização, como o Pelé. Está se tornando um branco. Isto, num certo nível, é algo que tem a ver com a dinâmica das relações étnicas e raciais. Mas, num outro nível, significa um mecanismo de controle social, uma técnica de controle social do ponto de vista da massa da população negra, significa uma poderosa técnica de controle social. Então, eu estou fazendo a seguinte sugestão, e termino. *Raça* é uma publicação fundamental, que abre novos horizontes, novos espaços, expressa algo que tem a ver com a realidade sócio-cultural no Brasil, tudo bem. Mas ela não é inocente, ela se insere nitidamente no movimento negro, ela opta por uma diretriz, por uma política, e aqui eu tomo a palavra do Valter, ela dá a impressão que está despolitizando a questão racial, mas *Raça* é uma proposta política para o encaminhamento do movimento negro no Brasil. Era isto.

Suely Kofes: Eu vou passar a palavra ao público para suas questões e comentários. Antes, eu só queria observar que a revista certamente nos coloca diversas questões. Eu estava olhando aqui, ela tem um artifício interessante. O ponto final nos artigos é um mapinha do Brasil, em cor preta. Mas há também, e sobre isto eu dou os créditos à minha colega do Pagu, Adriana Piscitelli, que foi quem observou, na seção de “Cartas” há o recurso gráfico de ilustrarem a seção com selos de vários países da África. A revista tem também uma seção de denúncia dos preconceitos. Então, digamos que a revista é bastante complicada par os nossos parâmetros e nós vamos ter que enfrentar bem esta discussão.

Comentários e perguntas do público

Juliana (Mestrado em Antropologia, Unicamp): Eu acho a revista muito boa, e eu queria falar para vocês, se vocês não sabem, que os brancos compram a revista. Muita gente está comprando. E eu concordo inteiramente com o que a Mariza falou, porque é um pouco o contrário do que foi colocado, bastante contrário. O que eu acho é que a idéia da revista é justamente não ser panfletária, não ser um manifesto, o que faz a diferença, quer dizer, isto é que é a idéia dela. Eu moro com uma amiga, negra, que comprou a revista. Por exemplo, uma das coisas que ela fez foi pegar aquela parte da maquiagem, de como a mulher usa, e comprou todos os produtos. Quer dizer, é esse o sentido, da mesma maneira que eu compro outras revistas. Eu acho que essa é que é a idéia, porque as revistas, as publicações do movimento negro, elas já existem. Quer dizer, eu acho que é muito mais algo a acrescentar. Esta seria minha observação e a minha pergunta é, com relação ao que você falou no início, como é que a gente, da Universidade, poderia, de alguma forma, contribuir para a revista?

Eu tenho os três números, eu li todas as revistas e tem várias matérias que eu acho que poderiam ter sido aprofundadas, até por ter opiniões de pessoas que estão pensando sobre isto, e que não apareceram. Sem cair na questão política, panfletária.

Eu gostaria de saber em que medida, se vocês já pensam sobre isto, quer dizer, se já pensam em colocar, nós da Universidade, as pessoas que estão estudando e pensando sobre isto, e que poderiam contribuir. Quer dizer, poderiam fazer este diálogo.

Aluno do Doutorado em Ciências Sociais, Unicamp: Pergunta para o professor Ianni. De acordo com sua hipótese, existiriam pelo menos duas propostas políticas para a comunidade negra. Uma, que é

a proposta do movimento negro, essa fica até difícil classificar, mas, do ponto de vista do movimento negro histórico é uma proposta que puxa algumas questões mais históricas da raça negra no Brasil. E uma outra proposta política, também, segundo eu entendi na sua colocação, que é a proposta da revista. Uma outra forma política, uma outra tendência do movimento negro colocada enquanto proposta política.

Então a minha pergunta é a seguinte: por que, na sua opinião, esta tendência do movimento negro, colocada pela revista *Raça*, ocupou tamanho espaço na sociedade, de forma tão rápida, tão profunda, como nós estamos vendo aqui? E a outra proposta, não. Será que é uma questão de poder econômico? Inclusive, no sentido de que a revista teve um investimento econômico, financeiro, muito grande, no sentido de atingir toda a sociedade, todo o país, com uma qualidade gráfica tal, e a outra tendência do movimento negro, à qual eu me referi, não tem este poder econômico?

Carmen (Pós-Graduação em Sociologia, USP): Voltando um pouco no que você falou da questão afirmativa. Vocês disseram que são sete pessoas que compõem a equipe. Eu queria saber quantos brancos, quantos negros e a posição de vocês sobre estas políticas afirmativas?

Dione (Doutorado em Ciências Sociais, Unicamp): Eu confesso que fiquei meio incomodada com o artigo que eu li na *Folha*. Não sei se do Aroldo, no “Tendências e Debates”. Me deu a impressão de que a questão se resumia ao consumo, quer dizer, os negros agora também consomem. Mas eu sou leitora apaixonada da revista. Temos os números em casa. Meu companheiro é negro. Temos um filho. A gente é preocupado com esta questão da identidade. Lendo a revista eu percebo o seguinte: primeiro, que aquele desconforto vai ficando menor. Segundo, que eu acho que a revista vem trazendo questões.

Gênero e Raça em Revista

Não sei se foi a Suely que citou a coisa dos selos, eu tinha prestado atenção a isso também.

Eu acho que a revista, por mais que ela tenha o discurso *black is beautiful*, do consumo, os negros podem consumir, nós somos lindos, maravilhosos, estamos ficando poderosos, ela está permeada por questões que, historicamente, o movimento negro coloca. Querendo ou não, nas entrevistas, isto aparece. Algumas reportagens que denunciam, que mostram questões legais, vão sendo colocadas. Então, o que eu acho, que desaguou na revista um encontro, desejado ou não, entre isto que o professor Octavio Ianni e o Valter assinalaram como sendo uma trajetória mais histórica do movimento negro e digamos, essa outra proposta da revista, que é de considerar os negros como pessoas que merecem ter uma publicação especial em todos os sentidos. E eu queria perguntar isso, no terceiro número vocês já estão se dando conta desse leque de questões que estão sendo colocadas pela revista e que talvez rebata na revista? E se vocês já pensam em como tratar isto daqui para frente.

Luciano (Graduação em Ciências Sociais, Unicamp): Eu queria fazer uma pergunta que vai na direção de uma curiosidade em relação à linha editorial que vocês tomaram. Você morou seis anos em Nova York, deve ter tido contato com várias publicações a respeito da questão, revistas negras lá em Nova York. Eu queria saber se existe uma influência direta na visão, na concepção da linha editorial da revista. E de que forma isto também estaria associado a uma questão aqui colocada pela mesa, que o Brasil é mestiço, mas o mestiço é negro. Que foi colocada aqui como sendo uma linha adotada por esta revista.

Kelly (Graduação em Ciências Sociais, Unicamp): O aspecto que me chamou bastante atenção, ao ler os três números da revista, foi a

questão que ela coloca como importante para a construção da identidade do negro e que coloca em xeque as formas como esta identidade tradicional do negro foi construída no Brasil. Então, diferente do que tradicionalmente a gente está acostumada a ouvir, de que a questão da identidade passa pela cor, na revista *Raça* ela está passando pela origem. Porque em muitos depoimentos, a gente percebe muitas pessoas brancas falando que se auto-identificam como negros. E eu acho esta uma questão fundamental, que vai totalmente contra as categorias com as quais a estatística está acostumada a trabalhar no Brasil; e altera toda uma paisagem racial do Brasil. Outra questão que chamou atenção é, comparando um pouco a trajetória do movimento feminista com a trajetória do movimento negro, e partindo do princípio de que a revista *Raça* se insere dentro de uma proposta política específica do movimento negro, na minha opinião existiram muitos traços em comum entre a trajetória do movimento feminista e do movimento negro. Se a gente pegar as primeiras publicações do movimento feminista, por exemplo, a gente vai ver que aquelas publicações também têm um caráter panfletário, a questão da mulher era colocada diretamente, juntamente com a questão da classe, etc. Com o passar do tempo, o movimento feminista se organizou de outras formas, atingindo um maior número da população, e foi colocando, de forma mais indireta, as questões que perpassavam pela condição feminina, e atingiu uma população muito maior. Eu acho que a revista *Raça* também pode ser interpretada dentro desse movimento social negro, quer dizer, ela está inserida neste movimento pelo qual o movimento feminista passou também.

Marilene(Doutorado em Ciências Sociais, Unicamp): Eu achei interessantíssima a abordagem feita pelos editores da revista, pelos antropólogos e pelos sociólogos. Até porque, aparentemente, pode ser que eu esteja enganada, tem alguns pontos de convergência.

Quando o Aroldo fala de auto-estima, ele está fazendo uma revolução. A pessoa se achar bonita, está fazendo uma revolução, e é difícil um negro se achar bonito. Eu digo porque eu me acho. Então, agora, bem feito para nossa cara, viu Valter, sabe por quê? Porque pela auto-estima, por este lado subliminar, subjetivo, você atende muito mais determinadas demandas do que pelo lado da militância, pelo lado panfletário, que todo mundo identificou tão bem. Ou pelo lado de quem pensa que quem é negro ou negra só pode usar chita ou então ler livro de fórmula de cozinha. Azar. Pode ser que aprendam a fazer política lendo também a *Raça*, que é uma forma de fazer política. Concordo plenamente com o professor Octavio Ianni, a quem eu quero muito bem. Tem realmente esta idéia de que *black is beautiful*, eu acho ótima. Tem também esta idéia de consumo, até porque é um reconhecimento de que existe um segmento rico e de classe média alta no Brasil que é negro. Seja daqui ou não, qual seja a origem ou não, que tem também negro de classe dominante. Então a questão de Pelé e do Pitta não é só uma questão de raça, mas é uma questão também de classe. É uma questão também de opção, porque se eles fossem leigos, militantes e tivessem se candidatado pelo Partido dos Trabalhadores, partido que advém de uma cultura branca, será que eles teriam sofrido um processo de branqueamento cultural? É uma questão para ser discutida, bem feito para a nossa cara, porque eu sou do PT também, sou fundadora inclusive. Quer dizer, de repente, não é sem explicação que um segmento societário, especialmente ligado ao mercado, que comunica muito bem com os novos sinais do mundo, dê uma outra resignificação da questão racial no Brasil, através de uma revista de um padrão de qualidade que eu achei muito bonito. Como eu acho bonita a Marie Claire, como eu acho bonitas outras e outras revistas também. Concordo que há, digamos assim, um poder tão grande em volta desta revista, que poderia ser acentuado o aspecto de politização maior, mas não é objetivo da revista. Este objetivo seria do

nosso partido, de toda militância negra. Quem sabe a gente aprende muita coisa.

Marcos (Mestrado em Antropologia, Unicamp) : A primeira questão eu acho que é clara, o professor Octavio Ianni e o Valter contextualizaram esta discussão. Porque, na verdade, quando se fala em racismo e relações raciais no Brasil a gente está atacando diretamente uma questão que é muito cara a todo mundo, a todos os brasileiros, que é a questão do projeto nacional. E a discussão do projeto nacional brasileiro passa por esse ideal de assimilação, por este ideal de embranquecimento.

Tem várias coisas que a gente pode pesquisar, e aí reencontrar, ou não encontrar, que é a questão de ideal da mestiçagem, que é o mestiço como símbolo nacional, a mulata e estas coisas todas.

Me parece, aí eu volto com a questão, que é a seguinte: Será que a revista, de alguma forma, vai por este caminho? Ela se associa a esta perspectiva de projeto nacional, que é o projeto nacional que passa por esta discussão do embranquecimento, da ideologia da democracia racial, de que o Brasil é para todo mundo?

E aí eu volto a uma questão que foi colocada aqui. O movimento negro trabalha muito bem com a auto-estima, quem faz parte do movimento negro sabe disso. Uma das nossas discussões do movimento negro é isso, é a auto-estima. E a gente coloca a beleza negra, a gente tem toda essa discussão no movimento negro. Mas o problema, eu acho, é que a perspectiva que é trabalhada pelo movimento negro, e eu acho que é aí que é legal a gente se ater, é que na verdade o movimento negro apresenta uma perspectiva, ele coloca em discussão o projeto nacional. E eu não sei até que ponto, e aí eu queria que vocês falassem, a revista está colocando em

discussão o projeto nacional e para onde ela caminha, neste caso, quais são as perspectivas que ela defende.

Suely Kofes: Eu vou voltar a palavra à mesa, mas queria também fazer algumas indagações à mesa e um comentário.

Um é que, eu acho, e isto ficou ressaltado na fala do Valter, uma coisa importante que ele resgatou, no Brasil, e não só em relação a esta questão, parece que tudo está começando agora, que não tem história nem memória. Lembrar a imprensa negra, que já nos fala de uma historicidade, é importante resgatar também. A questão racial, a questão das relações raciais no Brasil ela vai e volta, e se tem a impressão que tudo agora é novo, e que tudo está começando agora. Eu gostaria de lembrar, por exemplo, que quando fiz minha pesquisa, foi nos anos setenta, a questão da origem já estava lá. A questão da origem africana, afirmar a negritude, afirmar uma identidade racial via a africanidade já estava lá, nos anos setenta. Ela não é nova ou como querem alguns não é apenas consequência direta da globalização, ou importação direta dos negros americanos.

Outra questão, me parece, e é uma pergunta, a revista *Raça* está também jogando com um outro sentido da palavra. Que é raça no sentido de garra, como dizendo tem uma identidade racial mas depende de você, depende do seu esforço, depende de você, como indivíduo, chegar lá. A revista oferece este modelo.¹

Então, eu acho, que há vários pontos para discussão e talvez fosse interessante seguir a mesma ordem de apresentação, começando pelo Roberto.

¹ Houve concordância dos editores da *Raça Brasil* sobre este sentido da noção de Raça. Disseram, inclusive, neste momento do debate, que houve uma discussão na revista sobre este assunto.

Roberto Melo: Bom, antes eu devo esclarecer, até para ajudar, que há mais ou menos um século atrás, ou seja metade da escala de tempo que o professor Octavio colocou, eu fui militante político também, e dos mais intolerantes. Era Libelu, um dos fundadores da Libelu. Eu era trotskista na Universidade de São Paulo, em 1975, quando a ditadura começava a degelar e nós retomávamos as greves. Então, puxando pela memória, eu me sinto em casa. Se eu me encontrasse comigo mesmo aos dezoito anos, e se eu estivesse aí, eu estaria olhando para mim com o mais profundo desprezo. Que era o que eu mais ou menos fazia quando executivos vinham falar na Universidade.

Eu queria falar dessa questão política porque isto daí é um território que se eu puxar da minha memória de meio século atrás eu consigo. Mas antes de eu falar da questão política, eu quero falar um pouquinho sobre a revista, o que pode esclarecer muitas questões.

As revistas se dividem, mais ou menos, em dois tipos de revistas: revistas de informação e notícia e revistas de comportamento, de serviços. O que significa isso? uma vez um autor, um jornalista de grande talento e um pensador da comunicação, um dos raros jornalistas que encontra tempo para pensar, que não escreve com as mãos como eu, definiu muito bem essa diferença. Ele disse que as revistas de informação - poderíamos incluir os jornais - elas falam para o cidadão e as revistas de comportamento falam para o indivíduo. Vocês podem reparar uma sutil diferença de linguagem. As revistas de comportamento, estas revistas mensais, as femininas, elas usam a segunda pessoa do singular, elas tratam o leitor por você. E é comum nas revistas, é regra nas revistas, que você forme a imagem mental do seu leitor. Que você dê nome a ele e que quando você redige uma matéria você fique pensando nessa pessoa específica, e simbolize um conjunto de leitores.

Gênero e Raça em Revista

A revista Cláudia, por exemplo: a dona Cláudia é leitora da revista, a redação é obrigada a introjetar a dona Cláudia na hora de escrever. Sabendo que, na verdade, vai atingir uma faixa etária diferenciada, rendas diferenciadas. Se vocês lerem a a revista Nova, por exemplo, da primeira linha até a última , vocês vão identificar a leitora. É uma leitora, no caso da revista Nova, que quer agarrar um homem a qualquer custo. Isto é verdade. Eu posso ter alergia ideológica a este objetivo, mas eu tenho que reconhecer que, tecnicamente, a revista é muito bem feita. É uma revista que você reconhece o leitor da primeira até a última linha. Na matéria de saúde da revista Nova sobre entes, cáries, o título é assim: “ por um sorriso mais sexy”. Então, as fotos todas contribuem para isso. A Raça Brasil tem u problema seríssimo, do ponto de vista técnico. Como o Aroldo falou, nós falamos para uma família inteira, nós falamos ao jovem, homens, mulheres e velhos. Mas, por causa de questões estatísticas nós dirigimos sim – foi muito bem identificado pela Mariza – a revista para os mais jovens e para as mulheres. Porque as mulheres lêem mais revistas de comportamento do que os homens, mulheres lêem mais revistas, e entre os negros a gente supôs que aconteceria a mesma coisa. Então fizemos revista projetando que o público seria 70 % feminino. Porque isso? Porque a revista disputa o espaço de entretenimento do cidadão. É o espaço em que não está trabalhando. Então, os homens preferem se entreter vendo os caras girando em Fórmula Um e mulheres, em geral, enquanto eles estão fazendo isso, lêem revistas de comportamento e sobre relacionamento com os homens. E os homens não tem muito saco para isso, para falar o português claro.

Então isso é uma questão técnica de definir. E por que jovens? Porque nós supomos, nós instalamos, a seguinte hipótese: a gente imaginou que os homens negros, os negros mais velhos já teriam de alguma forma resolvido, ou não resolvido, mas enfim cristalizado de alguma forma, a postura pessoal em relação a esta questão.

Já tinham conquistado, ou deixado de conquistar, alguma posição. De certa forma seriam mais acomodados. E que os jovens....eu posso usar como exemplo eu mesmo. Até comentei com Octavio Ianni, eu tive a felicidade de ser jovem em 75, no final da década de 70 e, portanto, de ter tido a sensação, que é maravilhosa, indispensável, e recomendo a todos, de que o mundo dependia das minhas atitudes. Isso é uma coisa que dá um traço de caráter, que hoje, mesmo eu tendo traído tantas idéias da minha juventude, eu acabo investindo a minha profissão num projeto absolutamente ousado do ponto de vista editorial. Acho que é uma lição que eu aprendi nesse período.

Os jovens, portanto, tem mais chances, teriam mais horizontes pela frente e teriam mais possibilidades, mais esperança, poderiam mudar a profissão.

Bom, então aí está a diferença entre uma revista de informação, a que fala para o cidadão, e a revista que fala para o indivíduo. Isto estabelece limites de tema, limites de postura editorial, para uma revista desse tipo. Essa é uma revista de comportamento, é difícil colocar nela outras funções, as funções de revista de informação. Ela tem esse limite que é dado pela sua condição, pelo tipo de publicação que ela coloca. Isto daí obriga, do ponto de vista puramente da revista, obriga a reduzir a quantidade de temas explicitamente políticos. Estes temas não estão ausentes da revista.

Outra coisa que eu gostaria de deixar claro, como informação, é que eu temia, graças a meu passado militante, eu comentava com Aroldo, eu temia a reação do movimento negro em relação à revista. Eu falava assim, não que isto pudesse nos tirar leitores....porque a minha função naquela empresa., que é uma empresa onde trabalho, não é uma instituição, é uma empresa, é conseguir leitores para que a gente consiga anúncios e tudo mais.

Só que esta revista tem um significado especial, e eu temia, pelo fato de ela falar muito em consumo, a minha memória militante me

falava isto, que os movimentos negros iriam condenar a revista como uma revista consumista que descaracterizava, que despolitizava a questão racial no Brasil. Qual foi a minha surpresa!

Não sei se eu falei para vocês que muitas leitoras ligavam chorando para a revista, de alívio e de emoção, pelo fato de finalmente estarem sendo tratadas como cidadãs, como consumidoras. O Brasil é um país capitalista, esta confusão existe, existe na prática e no dia-a-dia das pessoas. Bom, uma destas pessoas que ligou chorando é um militante de Geledés, que é um grupo de irretocável postura com relação ao movimento negro. No número três da revista, que vocês ainda não têm, o artigo do Zumbi foi escrito pelo Edson Lopes Cardoso, que é militante do MNU (Movimento Negro Unificado) que também é um movimento negro de nome irretocável. Não se pode dizer que o MNU ou Geledés sejam um grupo ou tendência do movimento negro que queiram despolitizar a questão. Então é difícil.

(Alguém do público): O Geledés é uma ONG.

Roberto Melo: O Geledés é uma ONG, eu sei. Mas certamente os militantes ou participantes do Geledés tratam a questão do negro de uma forma absolutamente irretocável, eu acho, do ponto de vista político.

Eu fiquei muito preocupado com a parte do professor Octavio Ianni, quando ele acha que a revista... eu concordo que a revista, sim, ela tem um projeto *black is beautiful*. Este projeto da democracia racial – já acho discutível que a revista corrobore com esta tese. Mas eu discordo, discordo frontalmente, que a revista contribua para o branqueamento social. Por quê? O mestiço no Brasil sempre foi chamado de branco, sendo um esforço o mestiço, tendo uma gota de sangue europeu, ser chamado de branco...isto foi o Aroldo quem me ensinou, que nos Estados Unidos, como o racismo era lei, ou seja, a lei

determinava que os negros podem entrar nessa escola, os brancos podem entrar naquela e ambos não podem entrar uns nas dos outros. A lei precisou definir quem era negro e quem era branco. O que prevaleceu nos Estados Unidos foi uma lei que dizia, se tiver uma gota de sangue negro, a pessoa é negra. Qualquer ascendente negro transformava a pessoa em negro. No Brasil, o nosso racismo é cordial, o que ocorreu foi o inverso. Como nunca houve uma lei racista no país, nenhuma lei racista no país pós-escravidão, o que acontece aqui é que a pessoa com uma gota de sangue branco pode, se tiver sorte, se considerar branca e era convidada a isto.

A revista *Raça Brasil*, inclusive, eu afirmo com todas as letras, ela diz: a *Revista dos Negros Brasileiros*. Ela diz: “os mulatos são negros”, ela está escurecendo a população brasileira. Eu tenho certeza que, daqui a algum tempo, se o *Datafolha* fizer de novo a pesquisa de auto-classificação, vai mudar o percentual dos casos que se auto-classificam como negros, vai mudar. Isto ocorreu com a pesquisa da revista em que a pessoa marcava mulato, ou então marcava negro, mas colocava a observação: mulato não existe, moreno não existe. Quando a pessoa põe: mulato não existe é porque está revelando, ela própria, mulata, têm ascendência branca também, mas está querendo considerar-se negra, está se solidarizando, está assumindo a identidade negra.

Nesta parte de branqueamento, eu desconfio, professor Octavio Ianni, desculpe o meu profundo atrevimento, eu desconfio que a gente classifique como branqueamento qualquer negro que chegue à condição que os brancos ocupam. Ora, o fato dos brancos ocuparem as posições de comando na sociedade e de estarem no topo da sociedade, isto sempre foi sintoma da discriminação, da exclusão. Então, quando o negro chega é porque ele está querendo ser branco? Não, é porque ele está querendo compartilhar os mesmos benefícios, do acesso que os brancos têm aos bens de consumo, inclusive. Então,

Gênero e Raça em Revista

eu acho que chamar de branqueamento os negros que ficam bem sucedidos, chamá-los de branco, não só pelo sentido ideológico, mas pelo próprio ato de ascender à mobilidade social, acho que isto revela uma forma sutilíssima de racismo. Falar assim, que para serem negros é necessário que sejam pobres, porque se ficarem ricos eles vão estar se tornando, praticamente, brancos...Num país onde quem diz como os ricos devem agir são os brancos, porque foi dominado por brancos, é óbvio que a única forma das pessoas se tornarem ricas é serem confundidas, terem um comportamento branco. O que pode se identificar como comportamento de branco? É o fato de ela comprar um carro importado? Se a pessoas quer ter um carro bom, que tenha, isto faz parte do jogo. É verdade que o projeto nacional não está em discussão na revista *Raça Brasil*, eu confesso para você que isto não faz parte das discussões. Nós simplesmente tentamos identificar o que os negros brasileiros, que são a maior parte da população, o que eles gostariam de ver numa revista. O que seria necessário, que tipo de revista atenderia a estes anseios. Nós fizemos a revista assim e ela foi um sucesso porque ela atendeu aos anseios de verdade. Veja, eu vi aqui nesta mesa, aqui no público, uma coisa que eu vou traduzir assim – é uma provocação mais uma vez, me desculpem – “como sociólogos ou como sociólogas nós temos muitas objeções à revista, mas como pessoas, lá dentro de casa, como indivíduos, a gente adorou”. Foi mais de uma pessoa que falou isto, como leitora agente adorou, como sociólogas a gente tem um monte de observações a fazer. Fiquei muito feliz em saber que as sociólogas querem ter um banho de beleza, querem reservar um domingo para sua beleza. Mesmo uma socióloga como a Mariza, de irretocável reputação intelectual.

É esta diferença que eu quero deixar clara. As revistas de comportamento falam para os indivíduos, elas falam na segunda pessoa do singular e as revistas de informação falam para o cidadão. É

óbvio que existe relação entre o cidadão e o indivíduo, e eu não sou ingênuo em pensar que estas duas instâncias estão separadas dentro de nós. Mas nós temos que resolver um problema de cada vez, não dá para resolvermos todos os problemas ao mesmo tempo, a toda hora e em todas as páginas. A revista infelizmente é linear, o tempo e o espaço na revista são newtonianos. Ou seja, não cabe tudo ao mesmo tempo, no mesmo lugar. Então, eu gostaria de encerrar aqui, e estas são as coisas que mais me tocaram. Eu passo para o Aroldo, que responde o resto.

Aroldo Macedo: Não sei se vocês tiveram a oportunidade de ver o filme *Máquina Mortífera*. Tinha uma dupla, e eu assim com o rabo do olho, começo a olhar para o Beto, e já começo a vê-lo um pouquinho mais escuro. De repente, eu vou ver, ele é até negro. Então, me dá muito orgulho estar trabalhando com ele exatamente porque ele entrou com tudo no projeto. O projeto que eu acreditava desde o início.

Vou responder a algumas perguntas que me fizeram bem objetivamente. Sobre a questão da estética. Quem é negro sabe que o problema começa de manhã, no banheiro. A negra quer saber o que ela vai usar no cabelo, o que vai usar na pele. Se a gente colocasse isso na revista seria uma falha lamentável, porque ninguém quer ser feio, pelo menos no meu entendimento. Então, outra coisa também é a seguinte, quando a gente fez a discussão sobre o nome da revista, se seria a revista dos negros e mestiços etc., a gente optou por negros. Mas eu ouvi alguém falar sobre Salvador, Bahia, que tem uma identidade cultural estabelecida, irretocável. Eu sou obrigado a discordar também. Eu recentemente cheguei a Salvador, cheguei ontem. Houve o lançamento da número três lá em Salvador. Eu constatei, conversado com algumas pessoas, uma conversa bem informal, que em Salvador ainda existe toda uma gradação de cores e

Gênero e Raça em Revista

classificação como *mezzo pardo*, pouca tinta, muita tinta, este tipo de coisa. Negro, que a revista encara como uma coisa normal – e esta palavra vem se tornando corriqueira nos últimos dez anos, inclusive existe Raça Negra, Negritude Junior, assim por diante, nomes de conjuntos populares, Cidade Negra – negro, em Salvador, ainda é ofensivo. Se um negro chamar um outro negro de negro, ele tomam como ofensa.

Alguém comentou que Salvador está no quinto lugar do ranking informal de vendagem da revista. Por que em Porto Alegre vendeu 32% no primeiro dia e – Salvador vendeu muito bem, mais que qualquer outra revista nas bancas – Salvador não vendeu tanto, se lá só no bairro da Liberdade tem 600 mil negros? Então isso se explica com muita facilidade, devido à colonização européia no sul e pela necessidade muito maior que existe da união entre negros. Em Porto Alegre, em Santa Catarina, a troca de informação é muito grande, porque eles são muito unidos. Em Salvador, se dispersou muito. Até no Candomblé, que transmite oralmente a cultura, hoje existem brancos, pais de santos que editam livros, então hoje se está sistematizando o candomblé na Bahia. Então o candomblé na Bahia está sendo motivo de questionamentos dos negros na rua. Os blocos afros, que todo mundo, aqui no sul, acha maravilhosos e que é uma forma de expressão popular onde o negro tem uma atuação muito forte, também eu constatei que em três dias que eles só desfilam de madrugada, porque durante o dia estes desfiles são feitos por blocos, trios elétricos onde predominavam 90% de brancos. Isto é absolutamente sintomático, porque Salvador não vive este paraíso racial, ou seja, da negritude, da cultura africana, com muita liberdade como se imagina. Isto é muito perigoso até, porque se um estado tem predominância negra, evidente, uma descaracterização completa e quase absurda nas suas raízes e na sua cultura popular mais evidente. Para se fazer a revista, o rapaz perguntou se morar seis anos em Nova York serviu

de base. Nenhuma. Pelo contrário. As revistas americanas não serviram de nenhuma referência para fazer Raça Brasil, porque lá o negro é absolutamente diferente do Brasil. E desde o início, quando a gente estava elaborando a receita da revista, como fazer esta revista, o perfil da revista, eu sempre disse que o negro no Brasil tem muito mais chance do que o negro americano. Embora tenha toda esta miséria, ele tem muito mais chance. Porque o Brasil tem componentes que favorecem, não só pela mobilidade, dão muito mais chance de eles se tornarem efetivamente parte, com dignidade, da sociedade do Brasil.

A fonte que eu bebi, o Valter estava falando aqui do lado, que era Menelick, que era a Voz da Raça, que foram as primeiras pesquisas quando eu trabalhava isolado, no 12. Andar da Editora Símbolo, que era um projeto que não podia vazar para nenhum lado. Era um projeto extremamente sigiloso, então foi nestes jornais que eu tentei detectar porque estes jornais tiveram uma ressonância e continuaram. Porque as outras revistas, também, de uma certa forma, não passam do quarto número. E é muito fácil explicar isto. Quando você fala que Raça Brasil vendeu 300 mil exemplares, você não está falando de 300 mil leitores, você está falando de 2,5 milhões de leitores, porque cada revista é lida por cinco pessoas, no mínimo. E a *Raça Brasil* está tendo um giro de 7 a 8 pessoas por exemplar, o que chega a um número de 2,5 milhões, no mínimo. Então, quando a gente faz revista para 2,5 milhões e no Brasil, que tangerina é de um lado e mexerica é de outro, então cada um tem uma linguagem. O que é muito bonito aqui pode ser ofensivo lá, então, você tem que unificar a linguagem de uma revista que é de serviços. A gente não pretende mudar, de uma forma contundente, uma situação. Mas tem um detalhe muito importante, o professor Octavio fez uma leitura correta, a revista é política. E isto, o Edson Lopes que escreveu o artigo do Zumbi e a Sueli Carneiro que escreveu na seção Olho Vivo, que são parte de denuncia da revista, constataram isso. A revista é absolutamente

política, ela só não grita. Você não precisa gritar, não há necessidade de gritar. Eu posso fazer o meu trabalho como a capoeira, eu posso me esconder, olhar, ver. Chico Buarque fez *A Banda*, depois ele fez *Mulheres de Atenas*. Por que eu vou ter pressa ? então, eu acho que, também dentro do projeto, a gente pretende resgatar a cultura negra, como a parte da memória, resgatar esta parte da memória, que é muito deturpada na educação, no Brasil. Então, eu ainda estou respondendo a pergunta de alguém...A gente tem uma pauta futura que fala na educação no Brasil. Por exemplo, aqui a gente pode ver que tem 10% de negros. Como estes negros, neste isolamento social onde a maioria é branca, como ele vai preservar sua identidade e a sua cultura? Porque é fácil ele perder esta identidade cultural em dois toques, porque esta convivendo com maioria branca. Como esta identidade vai se manter dentro dele, vai ser irretocável e, ao mesmo tempo, ele vai aprender da instituição, sem nenhum rancor, sem nenhum problema? Então esta é uma discussão que a gente vai colocar. Porque *Raça Brasil* não fecha nenhuma discussão. Você vai encontrar dentro, por exemplo, o mito sexual. Você vai ouvir os dois lados, a gente vai sempre coloca os dois lados. Quando a gente faz uma acusação de racismo, baseado no julgamento, vai se ouvir o lado que praticou o racismo e o lado que sofreu o racismo. Então, nunca vai se fechar a questão de um lado só. Outra parte, que eu também acho importante, seria uma seção que, para mim, é a minha menina dos olhos, é a parte da revista que é chamada “Nossa Gente”.

“Nossa Gente”, é simplesmente o negro que faz. Em nenhum momento, no Brasil, na mídia, se colocou um maestro. Não só aqui, mas como no exterior. A mídia, até então não dava favor a este negro comum, que não é global. Por que muita gente, eu já ouvi falar assim, “e quando acabarem os globais, o que vocês vão fazer, quem vocês vão colocar na capa ?” Busque dentro da revista os que não são globais e você vai encontrar pessoas absolutamente comuns, que

nunca apareceram em lugar nenhum, que têm trabalhos extremamente relevantes. Não só para a comunidade negra, mas quem tem principalmente consciência de que são negros e que são importantes. E que são excluídos naturalmente porque não se deu na mídia, de uma forma geral, nenhum destaque. Esta invisibilidade é muito presente em toda a mídia, não só a escrita, como na eletrônica.

Então, esta seção é uma seção muito importante e também muito política, porque aqui vão estar os exemplos, os espelhos. É aqui que um adolescente, como eu vi a filha de uma amiga minha, que é negra, falando assim “ Mamãe...”- ela tem 6 anos- “ Mamãe, aqui tem meninas que tem o cabelo que nem o meu, aqui tem meninas que são iguais a mim”. O que ela não encontra em nenhuma das 1950 publicações no Brasil, que chegam às bancas todos os dias. Esta é a primeira revista que fala para o negro, ela é para ele. Exato, de grande porte. A gente pretende fazer uma matéria...a gente está identificando todas as revistas que pararam no segundo, no terceiro número para fazer uma matéria com elas. Saber até porque elas pararam, elas tinham uma voz ativa. O que eu queria dizer sobre o Pelé... a gente tem um calo, e o “calo” se tornou o Pelé. Porque no meu entendimento, o Pelé está acima do bem e do mal. O Pelé é negro e isto é evidente. Porque um negro sabe sempre quando ele é negro, porque ele sempre vai ser colocado numa situação onde ele vai ser chamado de negro. Não importa o tom da pele, porque quando você ascende socialmente, ou quando vai casar com alguém, você vai ser colocado...”mas espera aí, olhe o cabelo dele, olha o nariz..”, algum traço vai ser identificado. Você vai ser caracterizado, não importa se você se achou moreno a vida inteira. E, no caso do Pelé, a gente tem uma divisão muito clara, nas cartas que a gente recebe. Muitos querem o Pelé, muitos falam não querer o Pelé. Então, este é um dado que a gente se coloca, esta questão do Pelé; como tem a questão do Pitta também, como tem outras questões. Então, eu não vou responder se o Pelé é branco ou

Gênero e Raça em Revista

se o Pelé é negro. Pra mim ele é negro. Não há dúvida quanto a isso, mas se a posição dele é correta, eu não sei. Se ele tomasse qualquer atitude encerraria toda a carreira dele, em dois tempos. Eu já ouvi declarações, eu não estou defendendo o Pelé, eu estou colocando uma posição que eu acho que é muito importante. É o caso que foi colocado também à Raça Brasil, que era só uma questão estética que tinha na revista. Então, o Pelé fez uma declaração recentemente, dizendo que no Congresso só tinha ladrões e que se tivesse negros iriam dizer que os negros eram ladrões. Isto foi uma bomba na mídia crucificou o Pelé em todos os jornais. O próprio movimento negro apoiou a esta atitude do Pelé. Então, nós não devemos ter ilusões, nós vivemos num país com preconceito, e o Datafolha já detectou isto, embora 80 e tantos por cento da população não se considere racista. Mas é um país que tem preconceito sim. A Bahia é extremamente racista, também. O negro se sente excluído da sociedade, assim como em outras partes do Brasil. Então, com a revista... este negro da Bahia que, sendo da minha cor se considera branco porque tem uma posição social, com a identificação com a revista ele pula do muro e fala assim: “agora eu tenho orgulho de ser negro”. Quando se trabalha a auto-estima, você tem que colocar pessoas vencedoras, do começo ao fim. Se a gente falasse de miséria na revista, onde eu vou buscar a força desse negro? Dentro dele somente... Isto ele vê o dia inteiro, ele quer ver, eu quero me ver digno, eu quero me ver bonito, eu quero me ver vencedor. E esta identificação, este *boom* que teve a *Raça Brasil* foi imediato, porque a gente falou diretamente à alma do negro. Então, era isto que eu queria falar e tentar responder a quem perguntou.

Roberto Melo : Só para responder umas perguntas objetivas que a gente acabou não respondendo. Com relação à Raça Brasil, das sete pessoas que têm, três são negras. O editor chefe, o editor de texto e o repórter. O editor de arte é branco, e as duas assistentes

também. Embora uma delas pareça branca, ela tem uma avó negra. Mas só que no jogo de dados genéticos ela saiu com pele branca. Ela parece uma européia, então poderíamos chamá-la de três e meio. Outra pergunta, é sobre como vocês poderiam contribuir com a Raça. Em primeiro lugar, estudando os negros do Brasil. Isto vai gerar pauta para a revista. As descobertas científicas que vocês fizeram no campo da antropologia e da Sociologia sobre a situação no Brasil, tudo isso é pauta para a revista. De uma forma direta, eu peço que comentem a revista critiquem as matérias e mandem para a redação.

A Editora Símbolo não está ligada a nenhum grande grupo financeiro, é apenas uma editora da revista que há três anos atrás ocupava uma casa de sobradinho, e agora está num prédio grande, perto da Avenida Paulista. Graças exclusivamente ao fato de que nós aprendemos a fazer revista, este negócio tem dado certo.

Eu faço uma outra observação. Quando os negros ascendem socialmente é comum a gente chamá-los de brancos, porque a gente reconhece neles atitudes, vigia para reconhecer atitudes, que revelem uma traição à raça. Se a gente for fazer este mesmo raciocínio só que invertido, aí que o racismo aparece porque seria equivalente a toda vez que um negro abre falência, a gente dizer que ele está se comportando como um negro. Associar um negro a miséria e o branco a riqueza é um terreno muito perigoso.

Valter Roberto Silvério: Eu gostaria de começar comentando a última frase do Roberto. Parece que a minha fala causou um certo mal estar. É como se eu estivesse traindo a raça. Eu acho que fui bastante claro quando coloquei que , no início, foi uma surpresa e quando comecei a discutir a revista foi sociologicamente. Também disse que não comprei o terceiro número ainda porque não o vi nas bancas. E vou continuar comprando, até porque acho importante esse mercado consumidor continuar em funcionamento. Uma outra questão

Gênero e Raça em Revista

importante, é que a revista causou um impacto, não só no meio negro. Durante os três anos que eu tive a felicidade de dar aulas regulares ou de introdução de sociologia clássica ou contemporânea, a questão racial era extremamente difícil de ser discutida. Com o número 1 da revista Raça, algumas alunas levantaram a questão na sala de aula, perguntando se a revista não era racista. Você tem toda uma possibilidade de retomar essas discussões.

Eu só procurei chamar a atenção para uma coisa que o Aroldo acabou matando a minha curiosidade. De fato, eu vejo na revista uma seqüência, pelo menos em termos de nome, com a história de uma imprensa negra. E o *black is beautiful* me parece que está muito presente. Várias questões que a revista trabalha era questões que os jornais de época trabalhavam, quer dizer, os locais em que os negros podiam encontrar, locais de encontro de negros. Todos os espaços que, também em 78, são resgatados e passam a ser locais muito específicos.

Eu só acho que a revista, ela de fato atende esse segmento. Acho que é um segmento bastante expressivo da comunidade negra e reafirmo que ela poderia trabalhar, por exemplo, naquela seção Memória. Aí eu discordo um pouco que a revista seja só de serviços. Porque na seção Memória, eu acho que é uma seção informativa e acho que valeria colocar sempre indicações de onde aquilo é pesquisado.

Então, eu queria chamar atenção para isto, aprendi bastante com a distinção que vocês fazem sobre uma revista de serviço e uma revista de informação. Mas aquilo que há de informação na revista tem que ser melhor cuidado.

E a minha questão permanece, na medida em que esta revista é sem dúvida nenhuma a única revista que eu conheço, que eu conheci durante a minha vida, que atingiu em um período de tempo tão curto, uma massa de população negra, não branca, fundamental para

colocar algumas questões, uma certa visibilidade em relação às práticas culturais, quer dizer um jeito negro de se vestir, de se pentear, enfim de se tornar belo esteticamente. A minha questão permanece, e principalmente em função da existência desta seção na revista, que é a seção Memória. Porque não trabalhar melhor esta memória? Mostrando que a própria revista tem uma história anterior.

Outra questão é que, na medida em que se resgata efetivamente essa memória da imprensa negra, aparece um problema. Um problema que a revista pode tematizar, do meu ponto de vista, o que aparece como uma dissonância entre nós que fizemos movimento nos anos 70. É uma passagem muito brusca, para uma perspectiva absolutamente de consumo, a que está colocada na revista. Acho que isto não é problemático. Não se trata de não reconhecer que nós estamos numa sociedade que, em um certo sentido, se organiza com base no consumo, isso é relativamente tranquilo a gente reconhecer. Mas se trata de problematizar, em alguns aspectos, por onde caminha a sociedade que se baseia neste sentido.

E, por último, eu gostei muito da questão colocada pela Suely. Eu não havia prestado atenção, e de fato isto é muito forte, que “raça” está sendo trabalhada não só no sentido biológico, mas é também aquele que individualmente tem raça e pode vencer. E aí eu queria colocar aqui que este é um outro problema na revista. Porque na verdade este dado existe, ele é real, é necessário, mas também o compromisso com a transformação sempre esteve presente, com a transformação da comunidade negra, da chamada comunidade negra. Isso foi uma marca de toda uma imprensa negra e também no movimento negro no pós-68.

Octavio Ianni: É uma oportunidade que nós temos de refletirmos sobre a questão racial. Eu acho que é uma questão importante, a revista nos dá uma oportunidade excepcional para

discutirmos a questão racial. Discutirmos a questão racial é discutirmos uma questão muito incômoda, muito perturbadora e quando a gente discute a questão racial e levanta hipóteses ou teses fica mais desagradável ainda, é claro. Porque nós todos estamos metidos num jogo de ideologias raciais que constituem nosso modo de ser. Isto está incrustado na nossa cultura, na nossa sensibilidade, na nossa percepção da vida social, dos outros. Então, realmente é uma coisa complicada discutir a questão racial, vamos dizer, é uma penosa psicanálise coletiva, e isto ficou evidente aqui. Agora eu acho que a gente não deve estranhar porque isto é a realidade, a questão racial é muito grave.

Num debate que eu fiz uma vez, que me convidaram – um grupo do PT – para fazer uma discussão sobre a questão racial e a questão social eu defendi a seguinte proposta, é claro que é uma hipótese. A de que não haverá democracia social, democracia propriamente no Brasil, se não houver um enfrentamento inteligente e claro, com senso de realidade da questão racial e da questão do Nordeste. São duas questões cruciais para resolver o problema da democracia no Brasil. Eu posso fazer caricaturas...Com o Sarney, o Antonio Carlos Magalhães, o Inocêncio não dá para fazer democracia no Brasil. Porque são beneficiários de um certo tipo de exploração de massa, da sociedade do Nordeste e que é a capitalização. Isto, em termos de um jogo de política no plano federal, é uma coisa muito antiga, muito comum em vários países do mundo. Então, é um problema sério o da democracia no Brasil. A questão regional, particularmente do Nordeste e a questão racial, que tem a ver principalmente com os negros e brancos, mas que envolve em alguma escala a questão indígena e outras etnias que fazem parte da sociedade. Daí porque eu acho que é curioso como há uma exacerbação das posições, o que é significativo, expressivo deste quadro problemático. Mas que é condição *sine que non* para se

caminhar na inteligência do que é a questão racial no Brasil e, eventualmente, a questão da democracia. Por isso que eu acho isto interessante, e um exercício, apresentar hipótese que parecem chocantes e parecem radicais e que não são panfletárias. Falou-se várias vezes aqui panfletárias, acho que não há porque considerar que é panfletário. Eu acho que quando a gente argumenta de uma maneira contundente, pode ser incômodo, mas não pode ser panfletária. Pode ser uma hipótese extremamente cabível. Ao dizer panfletário, corre-se o risco de desqualificar aquele que está falando, não é de boa técnica. Eu acho o seguinte, neste estado de espírito, quando a gente levanta hipóteses , ou retoma hipóteses, às vezes hipóteses que são um tanto quanto contundentes, isto faz parte deste clima, deste espetáculo, dessa psicanálise coletiva. Eu acho que isto é bom, ainda que haja naturalmente um esforço de se tentar minimizar, de se tentar cobrir esta questão e dizer “olha, deixa pra lá, não começa a me complicar a vida”. Na verdade, o problema é serio. Se eu leio a poesia de escritores negros, eu não vou fazer isto agora porque não há tempo, eu vejo que a questão racial no Brasil é gravíssima. A poética de escritores negros é um argumento contundente sobre a tremenda importância da questão racial na formação da sociedade brasileira, na emancipação, na liberação do indivíduo, no desbloqueio desta cultura impiedosa e brutal que funciona , que é uma coisa tremenda. Como me disse um negro uma vez em Santa Catarina, o terrível no Brasil é que você não tem onde você pegar o preconceito, é um preconceito tão judaico, cristão, tão cínico, tão evasivo, que ele se esconde o tempo inteiro. Isto também é uma coisa séria. Ao dizer isso, não se trata de desqualificar ou questionar a revista, eu acho que a revista tem uma contribuição fundamental e é importante que ela continue. Agora, quando nós questionamos a revista, nós queremos que a revista vá mais fundo. Eu sei que a revista não pode ir mais a fundo, porque se ela for mais fundo ela perde publicidade, evidente. Qualquer lição de jornalismo ensina

Gênero e Raça em Revista

isso. Eu nunca fui jornalista, mas eu sempre convivi com jornalistas, tenho amigos. Isto é evidente. Quando se vai a fundo em algumas questões se perde clientes, se perde anúncios. Mas a despeito disso é possível ela avançar, e a revista avança, e há várias revistas que avançam nos questionamentos.

Agora, eu queria acrescentar uma observação. A idéia de branqueamento social é muito importante. Ela foi elaborada pela sociologia norte-americana, na base de uma pesquisa que é fundamental. Aliás, acho que os europeus agora estão descobrindo que a sociologia americana tem uma contribuição fundamental para a reflexão sobre a questão racial. Os europeus estão enfrentando o preconceito racial e não sabem como equacionar isto. E eles às vezes estão refazendo um percurso que já foi feito nos Estados Unidos longamente pela Sociologia, pela Antropologia, pela História. E a idéia de branqueamento racial é válida, ela é incomoda, ela é evasiva, ela é sutil, mas ela existe. Este mesmo Pelé que fez esta afirmação outro dia, sobre a questão do negro, ele chegou até a falar que negro devia votar em negro, uma coisa assim, é uma ilustração. Anteriormente, quando a conjuntura era outra, que era a ditadura militar, ele disse que o povo brasileiro não estava preparado para votar. Isto era o que diziam os generais, isto é o que dizia a ditadura, e ele recitou. É neste sentido que eu acho que ele branqueou. Aliás, a Sueli Carneiro, num debate recente, ela disse que ele é um negro de direita. Evidentemente, e assume as posições da direita, no caso era a ditadura militar e ele recitou o que os militares costumavam dizer, ou que gostariam de ouvir. Imagina! Não o general falando mas uma pessoa como o Pelé, dizendo que o povo não está preparado para votar. Isto tem um efeito muito importante! Então há o seguinte, porque eu não digo que Clóvis Moura branqueou, que Abdias Nascimento, que Solano Trindade branqueou, ou que Benedita da Silva branqueou? Não posso dizer, porque realmente não branquearam, agora, é

possível dizer, eu acho que é possível dizer, sem que isso negue aspectos positivos deste ou daquele, que há este processo de branqueamento, que é um processo de adesão de um modo de ser, a certos comportamentos, a certos ideais. Mais que adesão, um aspecto ainda também discutível, que é a omissão, e que é uma implícita negação de certas realidades com as quais esta pessoa está mais do que habituada, mais do que consciente, e na verdade omite e se for possível nega. Então, aí há um processo de branqueamento. Joaquim Nabuco tem um texto no qual ele diz, contestando algum crítico a Machado de Assis, dizendo assim, limpidamente, “não, não se pode dizer que Machado de Assis seja um negro, ele é um branco”. É neste sentido que o branqueamento social é uma coisa assim evasiva, alusiva, que não é muito evidente, mas que existe. Quer dizer, Nabuco estava absorvendo, estava cooptando, ou estava precisando dizer que Machado de Assis é um dos nossos e nessa ênfase ele dizia, “tá vendo, ele é branquíssimo”.

É um assunto difícil de discutir, mas vale a pena colocar estas questões. Elas ajudam a clarificar problemas.

A pergunta que você fez é interessante. De fato, como é que se explica, se é assim, como é que se explica que a revista tem tido êxito. Eu respondo em parte ao que já foi dito aqui, e que eu também indiquei, que a revista corresponde a uma posição fundamental e muito ampla na consciência social brasileira. Não só do movimento negro, mas da consciência social brasileira. Que é, inegavelmente, o gosto pelo ideal, pelo mito da democracia racial. Porque não, então, se ela oferece, como oferece concretamente, elementos que permitem às pessoas, vamos dizer, começar a perceber que de fato estamos vivendo numa democracia racial. Eu acho que isto é ilusório, mas as pessoas estão preparadas para isso, estão educadas para isto. Então, a revista, tem um grande êxito. Ela realmente responde a uma tendência que é muito forte, que é forte no movimento negro, que é

forte na ideologia racial do branco em relação à tese da democracia racial. Uma parte do êxito da revista provavelmente tem a ver com isto. Não esquecendo o jovem, que ficou claro que tem a ver com a juventude. Não esquecendo o fato de que a juventude busca emancipar-se, afirmar-se, desenvolver sua identidade. Isto envolve beleza, envolve uma auto-estima, e tudo isto tem grandes significados. Eu acho que a revista tem uma fundamentação behaviorista muito inteligente. Tudo bem, ela trabalha certos elementos que estão constituídos na sociedade e articula estes elementos de uma maneira eficiente.

Agora, meu ideal, pensando que eu estou fazendo um questionamento que tem significado social, é que a revista avance para temas ou aprofunde questionamentos que ajude a sociedade a se posicionar de uma maneira mais democrática, mais aberta, e claro, reconhecendo as graves injustiças sociais, as graves desigualdades sociais que atingem brutalmente grande parte da população. E que, claro, atinge parte da população da coletividade negra.

Mariza Corrêa: Muito rapidamente: eu acho que não vou convencer o professor Octavio Ianni e ele não me convenceu. Eu não acho que a gente deva tentar conciliar os inconciliáveis, mas eu acho que esta discussão é um bom exemplo de que estamos aprendendo a conviver com a diferença. Acho que não é uma coisa tão banal como parece à primeira vista. Acho também que a gente não deve tentar transformar uma revista numa tese de mestrado, e nem uma tese de mestrado uma revista, é óbvio. A gente fica aqui discutindo, cobrando dos nossos pobres amigos jornalistas que eles façam teses sociológicas. Eles não estão fazendo isso, eles estão fazendo uma revista.

Eu estava lembrando que quando fiz minha pesquisa de mestrado sobre assassinatos de mulheres, fui censurada no próprio

jornal feminista no qual eu trabalhava por mostrar que as mulheres não eram apenas vítimas. Naquela época, isto é década de 70, era absolutamente impensável pensar que as mulheres não eram vítimas do sistema. A minha tese mostrou que as coisas eram mais complicadas. Eu gosto muito daquela propaganda do Estadão, eu não lei o Estadão, mas adoro aquela propaganda “o mundo está ficando muito complicado, é melhor você começar a ler o Estadão”, aquela menininha que questiona o Papai Noel, gosto muito daquela propaganda. Eu acho que o mundo é muito mais complicado, o mundo não se divide entre mocinhos e bandidos. Acho que as coisas são muito mais complicadas do que parecem . então, eu acho que a revista, neste sentido, expressa uma parcela deste movimento, muito mais geral, saindo também como o movimento feminista, há nem tantos anos assim, daquela fase de que negro é vítima, como nós saímos daquela fase de que mulher é só vítima. Tem uma frase do Sartre que eu cito muito, meus alunos vão lembrar :”Metade vítimas, metade cúmplices, como todo mundo”. Ele estava falando das mulheres. Mas acho que isto se aplica a quase qualquer categoria social que possa se considerar dominada durante muito tempo. Eu acho que a sociedade se transforma, as coisas caminham, as coisas são muito complicadas e ninguém é inteiramente vítima. Então, eu acho muito bom começar a pensar outros lados dessas questões. Muito obrigada.

Suely Kofes: Eu gostaria de agradecer novamente aos nossos convidados e aos professores da casa. Também ao público, aos que vieram a este debate. Acho que ficou iniciado um diálogo. O Roberto iniciou este debate falando da importância de que nós pensássemos aquilo que ele está fazendo, isto é, que ele disse um tanto modestamente apenas estar fazendo. Na verdade fazer também é um ato de pensar, e vice-versa. Mas o que ficou evidente aqui é que nós,

Gênero e Raça em Revista

cientistas sociais, sempre vamos atrás. As coisas acontecem e a gente corre para entender, é sempre assim. Mas, também foi mostrado que ainda, apesar de tudo, devemos continuar exercendo o que eu acho que é a nossa grande função, ou seja o exercício de um pensamento crítico. E que, do meu ponto de vista, é fundamental exercê-lo em qualquer condição. Este encontro foi uma possibilidade de diálogo e eu espero que ele continue entre nós, e que também haja outras possibilidades de nos juntarmos para novas discussões. Muito obrigada.